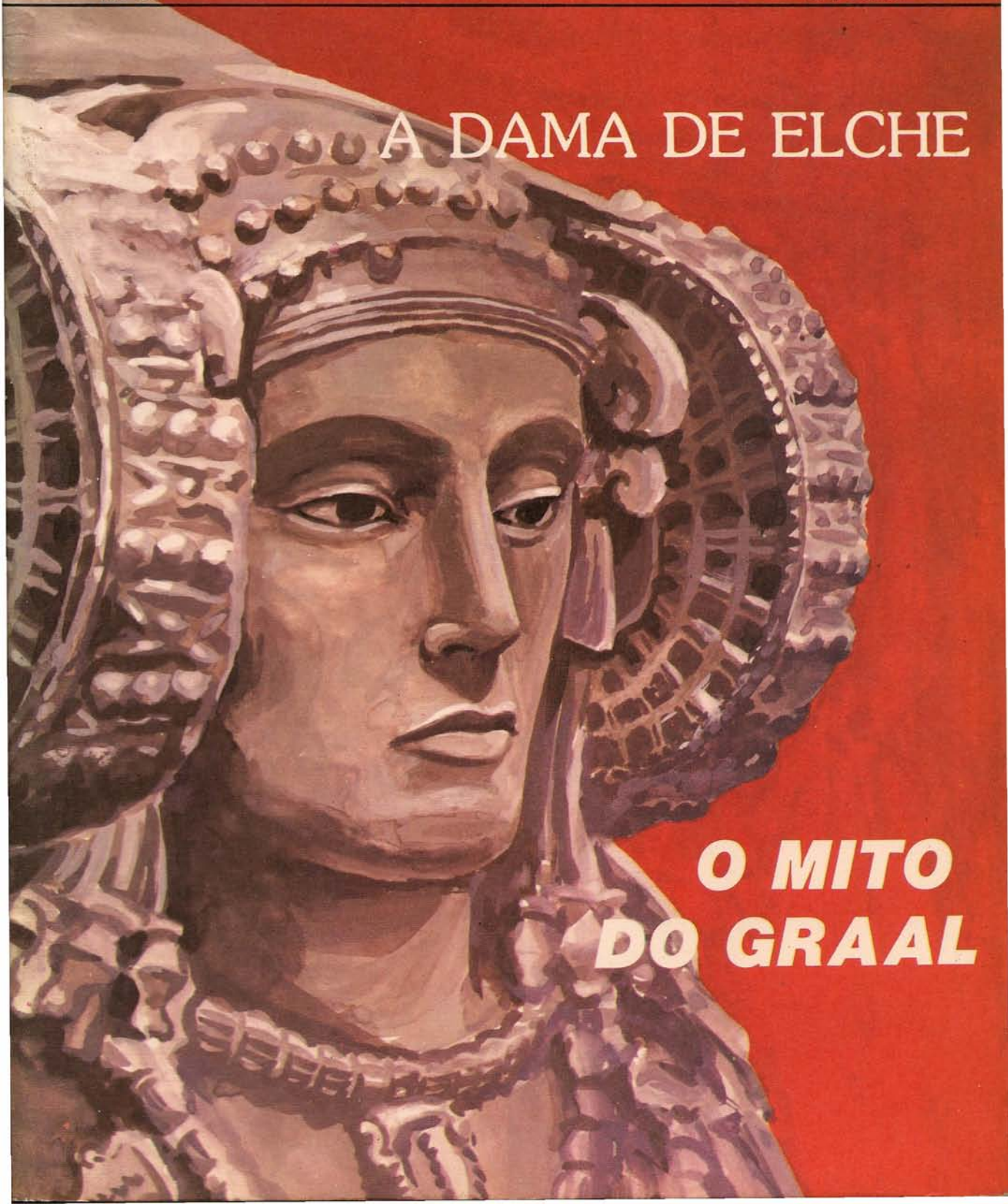
THOT

Nº. 36 Cr$ 2.000



A DAMA DE ELCHE

O MITO DO GRAAL

PALAS ATHENA

Um Centro de Estudos Filosóficos para quem busca viver filosoficamente.

CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇOESCORAL

SEDE CENTRAL
R. Leôncio de Carvalho, 99
Paraíso – S. Paulo
CEP 04003 – S.P.
Fone: 288.7356

GRÁFICA PALAS ATHENA
Rua Dona Ana Neri, 846
Cambuci – S. Paulo
CEP 01522 – S.P.
Fone: 279.6288

CENTRO PEDAG. CASA DOS PANDAVAS
Bairro do Souza
CEP 12250 – Município de
Monteiro Lobato – S.P.

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA
R. Cristóvão Colombo, 2149
Sala 315 – Floresta
CEP 90000 – Porto Alegre – RS

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA
Rua Antonio Alves, 21-85
Alto da Cidade
CEP 17100 – Bauru – S.P.

THOT

THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de Ibis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

EDITORES
Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basílio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO
Sérgio Marques; Carla Teso; João Fernandes Filho; Adalberto A. Cabral; Maria Inês Facchini.

EQUIPE THOT
Emílio Moufarrige Jr; Lucia Brandão Saft; Lucia Benfatti; David Cohen; Marina Moraes; Lucy Blumental; Mara Novello; Fátima Flores Jardim; Rosa Indátillo; Therezinha Siqueira Campos; George Barcat; Renata De Cesare; Isabel Cristina M. de Azevedo; Nilton Almeida Silva; Eduardo Chohfe.

FOTOLITO CAPA
Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 279-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr$ 12.000,00 — cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leôncio de Carvalho, 99 — CEP 04003 — Paraíso — São Paulo — SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob n. 1586 P 209/73.

ÍNDICE

Editorial 2

A "Dama de Elche": um enigma histórico 3
Annibal Telles Corrêa Neto

Astrologia na Era Espacial 7
Ilse Maria Spath

O Pai da Educação Integral 11
Eico Suzuki

A Linguagem Simbólica nos Livros Sagrados 17
Yolanda Lhullier dos Santos

À Guisa de uma Introdução ao Estudo da Kabbala 19
Ignácio da Silva Telles

A Ressonância Cósmica da Música Indiana 23
Alberto Marsicano

Atualidades — Diálogo entre a atual Física e a Filosofia Cristã 27
George Barcat

Com as Velas, e não com os Ventos 29
Raif Abillamah

O Mito e o Símbolo no Ciclo do Graal 30
Teresa de Barros Velloso

Joseph De Maistre: do Iluminismo ao Idealismo — uma trajetória Existencial e Filosófica 34
Cláudio De Cicco

CAPA:

A "Dama de Elche", escultura descoberta por acaso, nos arredores da cidade de Elche, com sua severa e enigmática expressão mantém até hoje viva uma cultura que floresceu há vinte e cinco séculos na Espanha.

Desenho de Primo Augusto Gerbelli.

EDITORIAL

Com este Nº 36, a THOT alcança o sexto ano de publicações ininterruptas. Em homenagem aos pioneiros, reproduzimos o Editorial da THOT Nº 1 que serviu como proposta de nosso trabalho:

O homem do presente começa a perceber com preocupação crescente que a sua posição dúbia ante os problemas do mundo repercute diretamente sobre as bases das estruturas sociais e o afeta profundamente. Suspeita de sua cumplicidade com as injustiças, mas sabe-se também vítima do feitiço do século XX, habilmente apresentado pela propaganda materialista que pretende nos fazer crer que a felicidade e a realização interior podem ser encontradas nas prateleiras dos supermercados.

Por um lado, o Capitalismo fomenta uma estúpida competição, uma neurótica busca de glória e destaque individual, "o sucesso pelo sucesso" — uma egolatria desumana.

Por outro lado, o Marxismo, imagem ainda mais deturpada do vazio espiritual da sociedade, coloca o homem como o último termo da evolução dialética da matéria através da História, tirando-lhe toda capacidade de modificar individualmente o meio social — e é neste relativismo que naufraga a psicologia humana.

Geralmente, nós, os homens do século XX, não percebemos a transcendência do momento em que vivemos. A contínua sucessão das alienações históricas engana-nos constantemente com uma aparente grandiosidade. O mundo tecnológico que se traduz em excepcionais descobertas científicas, na conquista do espaço exterior, na fusão do átomo, na multifacial imagem de um mundo de computadores e luzes que piscam, nos faz pensar, fortemente convencidos, que nunca a civilização chegou até esta maravilha.

Mas um olhar mais profundo traduzir-se-ia em uma amarga decepção. Nunca como hoje o mundo esteve tão ameaçado pela fome, nunca a humanidade teve tantos analfabetos e nunca existiram tantos enfermos de corpo e de alma . . . A desorientação, a angústia, a frustração, o bloqueio psicológico são os denominadores comuns e pode-se dizer sem risco de erro que no século XX não existem homens felizes.

As perguntas sobre a natureza de Deus e do Homem continuam ficando sem respostas. Nada se sabe sobre a Vida e sobre a Morte, e o homem utiliza esses termos, juntamente com Princípio, Ser, Eternidade, Absoluto, sem entender seu significado.

Engana-se continuamente, disfarçando o quanto ignora com teorias, hipóteses — palavras e mais palavras . . . Seu ceticismo afugenta a fé que, como uma intuição de seus próprios valores, permanece imutável — ainda que cercada pelos seus medos. Chega ao extremo de sentir vergonha de ser homem.

Como os filósofos antigos, pensamos que a esperança e a fé, sustentadas por um reto conhecimento, devem ser mantidas sempre — um ano, um dia, um instante mais. Sabemos que não nos devemos deixar abater pelos materialismos e pelos oportunistas da angústia.

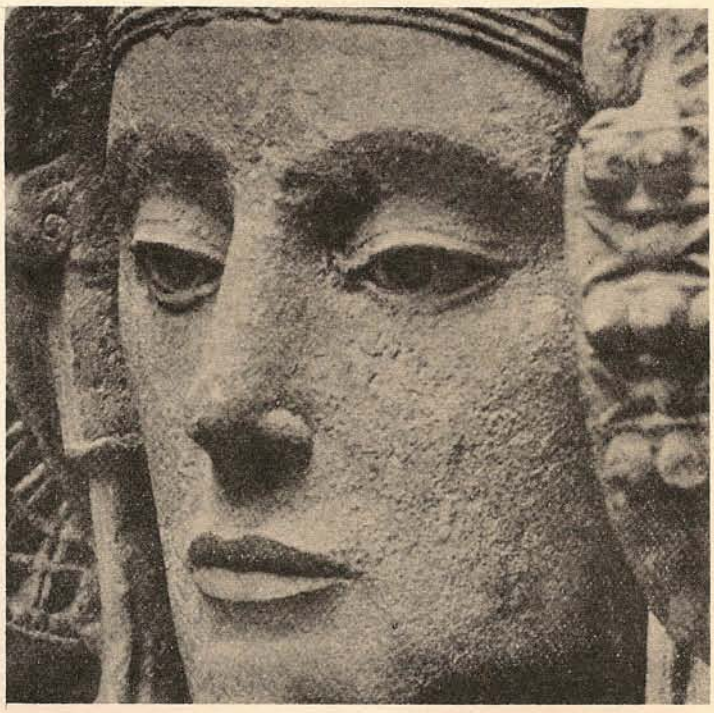
Confiamos em uma primavera do espírito, por isso abrimos as pétalas de THOT. Seu perfume representa o anseio de correr por um caminho de estrelas ao encontro de Deus. Queremos restaurar aquilo que faz a dignidade de viver e de morrer. Já os deuses inclinaram-se aos homens, agora esperamos o elevar-se dos homens até os deuses.

Comecemos já a viver este mundo melhor.

EDITORES

A "DAMA DE ELCHE"

um enigma histórico



Descoberta por acaso, a 4 de agosto de 1.897 nos arredores da cidade de Elche, na Espanha, este misterioso busto de mulher constitui até hoje um enigma que arqueólogos e historiadores procuram solucionar.

Elche, a antiga "Ilice" fenícia, está situada num oásis do Levante Meridional da Espanha, famoso por seus palmeirais irrigados, com uma paisagem mais africana que européia. É uma pequena cidade ensolarada, de ruas estreitas e tortuosas, com casas caiadas de branco.

Saindo de Elche, a 2 km da cidade, pela estrada que leva a Dolores, junto ao horto de palmeiras denominado Vizcarra, há um morro chamado "La Alcudia", distante cerca de 8 km do mar. Esta terra é fértil em laranjais e limoeiros e, como quase todo o Levante espanhol, rico também em achados arqueológicos de maior ou menor importância. Em 1.897, esta possessão pertencia ao médico ilicitano Dom Manuel Campello Antón, parente próximo do ilustre arqueólogo da mesma localidade, Dom Aureliano Ibarra. Além de médico, o Sr. Campello, na qualidade de proprietário agrícola, cuidava de ter bem plantadas suas possessões, e na que nos interessa mandara nivelar o solo para plantar romãs, porém, ao chegar aqui, talvez seja melhor deixar a palavra ao descobridor da "Dama", um rapazote homônimo de seu patrão, posto que se chamava Manuel Campello Esclapez, que se referiu ao seu sensacional achado com as seguintes palavras:

"Eu era então um garoto de 14 anos, pelo que não tinha idade para trabalho braçal diário, porém ajudava meu pai e irmãos nos labores agrícolas. No verão de 1.897, estava-se nivelando a encosta leste da Alcudia, para fazer curvas de nível e nelas plantar romãs e alfafa.

Na referida data, ou seja, a quatro de agosto, fui pela manhã aonde estavam os homens trabalhando, e seriam umas dez horas quando os homens, para descansar e fumar um cigarro, foram para a sombra de uma figueira próxima. Eu, moleque, nesse momento peguei uma picareta e comecei a derrubar a ribanceira, e calcule você meu assombro quando tropecei numa pedra que, ao apartar a terra para arrancá-la, mostrou ser o rosto de uma figura.

Chamei aos homens, que acudiram, e Antonio Maciá — de quem era a ferramenta que utilizei, acabou de descobrir a "Reina Mora". O busto estava em posição normal, um pouco inclinado à sua direita, mirando o sudeste em direção a Santa Pola; achava-se sobre duas lousas de pedra de cantaria, pela frente coberto de terra que se desprendeu facilmente do rosto e do peito, as costas e os lados resguardados por lousas iguais às que lhe serviam de base, em nú-

mero de seis, duas atrás e duas de cada lado. Nada mais havia ao redor senão pedras irregulares e um resto de parede. O achado se comunicou imediatamente ao capataz, Antonio Galiana Sánchez, que ordenou que a deixassem no local até que o Dr. Campello, ao terminar sua visita profissional, dispusesse da figura."

Deste modo relatou o descobridor a Dom Alejandro Ramos Folqués a verdadeira história da descoberta.

O doutor, que de tão afortunada maneira se encontrava com a propriedade da extraordinária escultura, teve grata responsabilidade pelo feito, posto que havia recomendado previamente a seus operários que procedessem com cuidado, se no curso dos trabalhos dessem com alguma pedra antiga. Assim, quando ao entardecer chegou a "La Alcudia", julgou maravilhosamente bem pagas suas precauções. Fez carregar o busto num carro, mandou-o levar a sua casa em Elche e, como havia corrido rapidamente o boato do afortunado encontro, resolveu expor o busto num balcão da fachada da casa. Dom Pedro Ibarra fez lavrar ata da recolhida unção e todos os ilicitanos desfilaram diante da casa do médico, rendendo homenagem a sua ilustre conterrânea: "Então, em pleno meio dia, sob os ardentes raios de um sol africano, viu-se uma grande e compacta multidão que, atônita, admirava desde a metade da rua a soberba escultura que, colocada sobre um tamborete e recebendo os raios diretos daquele astro que há vinte séculos não acariciava tão sobrenatural imagem, destacava sua imponente majestade contra o fundo escuro do balcão aberto, como se mágica conjuração houvesse evocado dos profundos abismos do passado o antigo mito ilicitano". O entusiasmo com que se expressa o Sr. Ibarra era sem dúvida o mesmo que sentia qualquer um dos habitantes de Elche.

Depois da procissão relatada, o busto foi exibido durante um dia no salão principal do "Hotel de la Confianza", onde continuou a atrair uma verdadeira multidão de curiosos.

Cerca de uma semana após a descoberta, ou seja, no dia 11 de agosto, chegou a Elche o ilustre arqueólogo francês Pièrre Paris para presenciar a representação dos Santos Mistérios. Naturalmente foi uma absoluta coincidência, já que naquela primeira semana a fama da "Reina Mora" não deveria ter ainda passado dos limites municipais. Porém o caso é que Pièrre Paris, ao chegar a Elche em plena efervescência pelo feliz achado, haveria de participar dela com menos amor, porém com maior perspicácia e conhecimento que os habitantes da cidade. No próprio dia de sua chegada contempla o busto, que passa no seu interesse a superar largamente o motivo original da viagem, bem obscurecido pelo fervor popular para com a "Dama" e que o arqueólogo francês descreve assim: "Nos cassinos, nas tertúlias diurnas, se cantavam as glórias do busto; nas casas, nas farmácias, nas oficinas, todos os operários falavam dele. Sua fotografia brilhava num lugar de destaque dentro do restaurante do "Hotel de la Confianza", honra suprema e suprema consagração. O busto ia se convertendo realmente no ídolo da cidade".

Apenas é necessário explicar que Pièrre Paris, educado na escola de uma rapinagem nacionalista típica do século XIX, não pensou, desde o momento em que viu a "Reina Mora", senão em obter a possessão do busto para sua pátria. Era questão axiomática para qualquer europeu, e sobretudo para um francês, que o espanhol, fosse quem fosse, estaria sempre decidido a alienar suas obras de arte mediante algum pequeno estipêndio.

O caso é que no mesmo dia em que lhe foi entregue uma fotografia do busto, uma hora depois a mesma já estava no correio com destino a Paris. Outras notícias do achado, notificações de caráter exclusivamente científico, haviam sido enviadas por Dom Pedro Ibarra a Londres e a Berlim e, naturalmente, ao Museu Arqueológico Nacional de Madri, onde seus diretores não pareceram se interessar muito pelo extraordinário achado. Porém, os diretores franceses do Louvre, Leon Heuzey e Edmond Pottier, inteiraram-se e compreenderam sagazmente o gigantesco interesse da escultura, começando uma conversação telegráfica com Pièrre Paris, na qual o autorizavam a adquirir o busto por uma quantia que podia chegar a quatro mil francos.

Esta autorização chegou a Pièrre Paris quando este já havia tateado as intenções do Dr. Campello quanto à venda. E aqui vem uma segunda coincidência que determinou a fulminante rapidez daquela.

Quis o acaso que a importante coleção arqueológica reunida por Dom Aureliano Ibarra, sogro do médico, houvesse sido vendida, com a morte daquele estudioso, ao Museu Arqueológico Nacional, que deveria saldar seu pagamento em três parcelas; as duas primeiras haviam sido saldadas regularmente, porém a terceira não o foi e, precisamente pelos mesmos dias em que era descoberto o busto, era devolvida ao Dr. Campello, protestada desde Madri, a promissória cuja importância deveria ter sido saldada pelo Estado.

Compreende-se que não havia para isto outra razão que os clássicos entorpecimentos da complicada burocracia espanhola, porém, ainda assim, o protesto da letra causou grande irritação ao médico de Elche, que desejava utilizar esta importância na compra de novos terrenos agrícolas.

Claro está que Pièrre Paris não perdia seu tempo, instigando o médico a que se decidisse pela venda. Por fim, no dia 18 de agosto, consumou-se a venda do busto por quatro mil francos, que no câmbio de então vinham a ser exatamente cinco mil e duzentas pesetas. Pode-se assegurar que rara vez haverá sido adquirida por tão baixo preço uma obra de tão colossais dimensões culturais.

O dinheiro foi adiantado por Pièrre Paris e a soma não foi custeada pelo Louvre, senão por M. Noël Bardac.

Dono da escultura, Pièrre Paris embalou-a cuidadosamente com algodão, colocou-a numa caixa e, a 30 de agosto, levou a sua preciosa carga a Alicante, onde embarcou para Marselha, depois de uma escala em Barcelona.

Chegado o busto a Paris, Noël Bardac, que era o efetivo comprador, presenteou a obra ao Museu do Louvre, em cuja sala Apadana, do departamento de Antigüidades Orientais, foi exposta em fins de dezembro de 1.897.

Por um desses paradoxos, esta escultura, desde seu desterro, começou a crescer em prestígio e popularidade, até o extremo de não ficar praticamente nenhum espanhol sem compreender o sentido do símbolo plástico peninsular que representava a "Dama de Elche".

Fizeram-se desde então numerosas gestões para trazê-la de volta à Espanha. No verão de 1.940, quando se encontrava a maravilhosa escultura, não no Museu do Louvre, senão, por razões de segurança derivadas dos perigos da Segunda Guerra Mundial, no castelo de Montauban, perto de Toulouse, chegou-se a um acordo, retornando a escultura à Espanha pela fronteira de Port-Bou, a 8 de fevereiro de 1.941. Chegou a Madri dois dias após, sendo levada ao Museu do Prado onde se encontra hoje numa sala rotunda de mármore, rodeada pelas esculturas do legado Zayas.

Sete anos após sua descoberta, em 1905, os arqueólogos Pièrre Paris e Albertini fizeram escavações no local até chegar ao solo virgem. Descobriram as ruínas de um pequeno templo com pavimento de mosaico, onde provavelmente esteve exposta a imagem.

Ficou bem conhecida, pelas escavações, a planta da edificação. Era pequena, *in antis*, isto é, aberta pela frente, porém foi impossível restaurar suas partes superiores.

A "Dama de Elche" chegou, pois, indocumentada, sem lápide que explicasse o culto a que estava consagrada e quase sem a data de seu nascimento. Quanto queiramos saber, havemos de averiguar examinando-a pessoalmente.

Segundo a opinião de especialistas, não se trata de uma figura de sacerdotisa nem de um ex-voto, mas sim a representação de uma divindade. Chegou-se a esta conclusão devido ao oco que possui atrás, nas costas. É uma cavidade que decerto serviu para resguardar algo muito precioso: relíquias ou objetos sacrossantos. Os fetiches negros se consagram ou desconsagram conforme tenham ou não em seu seio coisas que lhes introduzem através de uma cavidade análoga à que tem a "Dama de Elche". Esta cavidade hermética, misteriosa, intangível, contém o elemento catalisador que transforma a estátua feita por "mãos humanas" num objeto divino.

É ignorado se o busto (atualmente com 56 cm) formava parte de um conjunto ou ficava, como o temos hoje, sobre um pedestal. Era freqüente na Antigüidade compor uma estátua em dois fragmentos para facilitar sua execução e até seu transporte, e precisamente se cortava a figura pelo lugar onde está cortada a "Dama de Elche", isto é, pouco acima da cintura. Não se encontraram provas disto e, portanto, todas as restaurações devem ser encaradas com suspeita.

Seu estranho toucado é encontrado com variantes noutras esculturas hispânicas de pedra e em figurinhas de bronze e terracota. Duas grandes rodas de ourivesaria, que talvez encerrassem dentro os cabelos, delimitam o rosto e se unem sobre a cabeça a um diadema, arrematado por pequenas esferas, sujeitando uma touca ou véu alçado por uma armação posterior. O conjunto, pesado e ostentoso, é provável que se apoiasse sobre os ombros, sob o manto, para aliviar a cabeça de seu peso, o que explicaria a excessiva altura dos ombros, que tira a leveza da figura. Este rico toucado se complementa com um tríplice colar cujos dois primeiros cordões, que se unem num só, estão formados por contas estriadas; no centro da primeira volta está uma pequena ânfora, que seria de ouro e oca, e na segunda, outras seis iguais; o terceiro colar é de contas lisas e dele pendem peças que serviriam aparentemente para guardar amuletos.

A estátua era com certeza policromada por inteiro, segundo era costume nas esculturas gregas, egípcias e orientais, costume que passou ao Mediterrâneo e que aparece também na arte etrusca. Conserva ainda uma ligeira cor nos lábios, e que se adivinha também nas roupas.

Que influências determinaram a aparição desta magistral escultura? Com certeza não foi uma aprendizagem direta da estatuária helênica, mas sim resultado do influxo que os gregos exerceram na península ibérica.

A difusão da civilização grega começou muito cedo, com as primeiras colônias estabelecidas em território não grego, nos limites dos bárbaros. Assim é que os primeiros dórios da Grande Grécia influenciaram os povos itálicos; Ólbia e outras cidades confinantes com a estepe euro-asiática prosperaram negociando com os citas e as tribus afins: Naucrates, ligada por um canal a Sais, capital do Egito durante o último período imperial, foi particularmente protegida pelos faraós; Marselha, isolada no Mediterrâneo ocidental e continuamente ameaçada tanto pelos etruscos como pelas colônias fenícias, conseguiu não somente fundar outras colônias litorâneas como também criar um grande império marítimo e colonial, fazer penetrar o alfabeto grego na Gália e vender, a partir do século VI, seus vasos e seus bronzes cinzelados, e suas jóias, às populações do vale do Ródano, do Loire, do Reno e do alto Danúbio.

E antes ainda que se iniciasse a era helenística, a Grécia exercia uma influência de caráter artístico sobre os próprios povos que eram seus rivais no plano político e comercial: sobre os etruscos, sobre os fenícios (autêntico povo de comerciantes dispostos, além de vender, a produzir objetos da mais variada inspiração) e até sobre a continuadora da civilização fenícia, mas decididamente hostil ao mundo helênico: Cartago.

A expansão fenícia no Mediterrâneo ocidental remonta aproximadamente ao fim do segundo milênio, isto é, à época em que os povos do Egeu detinham a superioridade marítima no Mediterrâneo oriental. Na África, em 1.100 a. C., fundou-se Utica e não longe desta, em 814 a. C., surgiu Cartago. Seguiram-se, em ordem de importância, Adrumeto, Biserta e Bone; Tartesso e Cadiz no estreito de Gibraltar; Solunto e Elche (ou Ilice) na Espanha; Taros (Nora), Sulsis, Caralis (Cagliáre) na Sardenha, e, finalmente, Malta, Gozzo, Pantellaria. No início do século VI, com a decadência de Tiro e Sídon, Cartago procura criar um império colonial e no século V expande-se pelas margens do oceano Atlântico até o golfo de Guiné. Não obstante sua ubiqüidade, os fenícios deixaram poucos vestígios sobre a civilização dos povos com que tiveram contato e sua arte dificilmente se distingue da egípcia, mesopotâmica e cipriota a princípio, da grega do período arcaico — de gosto orientalizante, e, finalmente, da clássica.

A "Dama de Elche" atesta altamente a influência da arte jônica sobre a manufatura púnica do século V, a menos que não tenha sido verdadeiramente executada por um artista jônico adaptado ao gosto de seus bárbaros comitentes.

De qualquer modo, permanece o mistério: que deusa estaria sendo representada? Quais as características de seu culto? Uma coisa porém é certa: sua severa e enigmática expressão mantém até hoje viva uma cultura que floresceu há vinte e cinco séculos na Espanha, plena de força racial e de imortal beleza.

ANNIBAL TELLES CORRÊA NETO

Bibliografia

Cossio – José Pijoán, *Suma Artis, Historia General del Arte* – vol. VI – *El Arte Prehistórico Europeo*, 1ª edição, Espasa – Colpe, Madrid, 1934.

Instituto Gallach de Librería y Ediciones, *Mil Joyas del Arte Español* – Tomo Primero – *Antiguedad y Edad Media*, Barcelona.

Enciclopédia da Civilização e da Arte – vol. II – *Arte Antiga*, Ed. Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1962.

Juan A. Gaya Nuño, *Escultura Ibérica*, Ed. Aguilar, Madrid, 1964.

Astrologia na Era Espacial

O homem espacial não vive exclusivamente na sua cidade, no seu país, no seu continente, sequer exclusivamente na Terra. Ele é um cidadão do mundo.O tempo abriu-se para ele. O homem espacial vive cada momento consciente do "aqui e agora", sabendo porém que o seu **agora** *é o tempo infinito, e que seu* **aqui** *é o espaço ilimitado. O homem espacial sente-se responsável como parte integrante do Universo, do Uno.*

Conforme a obra *ANTROPOLOGIA DE SÍNTESIS*, do psiquiatra argentino Ramón Munoz Soler, entramos agora na Era Espacial. De acordo com sua teoria, a humanidade passou anteriormente por dois grandes ciclos: a Era Agrícola e a Era Industrial.

Poderíamos chamar a Era Agrícola também de Matriarcado ou Era Familiar. Foi a mãe da família que, entre o ano 8.000 e 2.000 antes da nossa era, inventou o cultivo das plantas e a criação da pecuária. Nesse tempo, a humanidade estava ainda intimamente ligada à natureza, e tinha o que o psicólogo Levi Bruehl chamava de *participation mystique* com relação à toda vida; comungava com as almas das plantas e dos animais, projetando sobre elas as reações da sua própria psique, comunicando-se com elas através de canções, ou seja, de vibrações. Uma dessas melodias da cultura celta conservou-se até os nossos dias, apesar das palavras terem sido mudadas de acordo com o povo que as pronunciava; é a conhecida canção "Frère Jacques, frère Jacques, dormez vous, dormez vous?"

Um sinal da terceira era, a Era Espacial em que entramos, é justamente o respeito que recomeçamos a ter pela vida das plantas: não vendo mais atrás delas espíritos vivos, como dríadas e ninfas, mas por intermédio de experimentos que acusam sua sensibilidade. É uma nova *participation mystique*, unida com o pensamento lógico.

Na Era Agrícola, a mulher foi da maior importância. Cuidava da família, do lar, das plantas e animais domésticos. O homem ocupava-se da caça, preferivelmente à noite, juntando-se a outros caçadores, formando assim o início de um clã, um conjunto de camaradas que se ajudavam entre si e defendiam juntos o distrito da sua caça. Combatiam quem não pertencia ao próprio clã, atitude que podemos ainda observar nas aves, que defendem em grupo as árvores que ocupam.

A psicologia moderna afirma que nesse tempo o homem nem sabia que era pai do filho nascido, pois era o irmão da mulher quem tinha o direito sobre ele. Esta me parece uma conclusão muito ousada, pois a mais simples observação da procriação animal revela quem é o procriador. Mas sendo nesse tempo a mãe a pessoa mais importante da família, o filho tomava o sobrenome da sua família.

O papel do homem era caçar e defender o lar. Para ele o astro mais importante era a Lua, que clareava as noites de caça, enquanto sua mulher venerava o astro do dia, o Sol, que transmitia vida às suas plantações. Por isso, nas línguas mais antigas – no sumério, chinês e germânico – o Sol é considerado feminino, e a Lua, masculino.

Foram os homens que descobriram a Astrologia; observando, enquanto caçavam, o céu noturno, eles perceberam que a Lua crescia e diminuia regularmente num ciclo de 28 dias; que as estrelas cintilantes formavam, com outras, constelações que apareciam no céu em certas épocas do ano, enquanto outras estrelas, de luz constante e colorida, movimentavam-se regularmente do leste para oeste, do mesmo modo que o Sol fazia durante o dia e a Lua, durante a noite.

Eles projetavam então sua *participation mystique* sobre os astros, vendo neles seres superiores ou deuses que adquiriam conotações próprias decorrentes da influência deste ou daquele astro na psique humana.

Perceberam, por exemplo, que o astro vermelho e errante os tornava agressivos, e criaram mitos que, narrando as aventuras dos deuses, explicavam a conduta dos próprios homens. A atividade do deus, que representava um setor especial da psique humana, foi sendo mudada conforme a evolução das concepções, em épocas e países diferentes. Assim, se modificaram as atividades dos sete deuses, e um bom exemplo dessa modificação é a característica que os

diversos mitos dão ao comportamento da mente humana, na Astrologia representada por Mercúrio.

Na mitologia dos vikings, onde se faz referência a um tempo em que a ilha Groenlândia era ainda a Ilha Verde (portanto antes do grande cataclismo), a mente humana era considerada o deus supremo, Odin, a respiração, ou seja, o sopro divino. Odin é crucificado na Árvore da Vida e quer se livrar dela. Pede portanto o conselho de Mimer (memória), que mora na fonte que alimenta a Árvore da Vida. Este o informa que deverá sacrificar seu olho esquerdo. Em troca lhe oferece as runas, varas de vários tamanhos que, jogadas ao chão, formavam sinais que representavam definidos conceitos. É a mesma origem das varas usadas pelos chineses para seus oráculos do *I Ching*. As runas eram, no princípio, conceitos e não letras. Tornaram-se tais só através do contato com os romanos.

O nosso olho esquerdo corresponde ao hemisfério direito do nosso cérebro, que dirige nossa sensibilidade, enquanto o lado direito dirige nosso pensamento. Odin teve portanto que sacrificar sua sensibilidade a favor do pensamento lógico. Esse mito corresponde ao mito bíblico da Árvore do Bem e do Mal. Pelo fruto dessa árvore, o homem descobre a bipolaridade em cada fenômeno e desenvolve, através de tese-antítese-síntese, o pensamento lógico que o expulsa do paraíso, onde os animais moram até hoje.

Vejam o avanço no processo do pensar que já descobre a parte desvantajosa do próprio pensamento lógico.

Antes dos judeus, no Egito, o pensamento lógico era representado por Thot, o advogado dos deuses. Ele defende Ísis quando acusada de ter um filho bastardo, Horus, que nasceu depois da morte de Osíris. Thot defende também os mortos quando, no inferno, seus corações são pesados; condenados à reencarnação se são culpados, mostrando-lhes a cruz do seu cetro, Ankh, e julga sua libertação mostrando o círculo do cetro quando seu coração não tem mais peso.

Os gregos, já na Era do Patriarcado, têm uma visão mais frívola do deus da mente, que chamavam de Hermes. Ainda criança de berço, Hermes rouba as vacas de Apolo, deus do Sol, e as esconde numa caverna. Apolo faz queixa no Olimpo e ameaça não iluminar mais a Terra se as vacas não lhe forem devolvidas. Zeus, o deus do céu, descobre finalmente quem as escondeu, e tem uma conversa séria com o pequeno ladrão. Hermes então se arrepende e devolve os animais sagrados. Para se reconciliar com Apolo, Hermes inventa a lira, que desde então usa sempre. Assim os gregos, na sua cultura mais elaborada, enxergavam a ambivalência da nossa mente, que pode ser empregada tanto para inventos miraculosos, como para atos criminosos.

Agora, no começo da Era Espacial, Mercúrio foi posto, de certo modo, em segundo lugar a favor da sua oitava superior, a intuição, representada pelo planeta Urano. É como se existisse uma relação entre a descoberta de um novo planeta e a sua função na psique humana. Urano é relacionado à intuição, oitava superior do pensamento lógico. Naturalmente sempre existiram homens que tinham intuição, mas eram raros. Provavelmente cada descoberta importante foi primeiramente concebida pela intuição e depois explicada pelo pensamento lógico. Mas agora não exercemos mais o pensamento lógico na educação das crianças, como foi uso no começo do século. Elas não aprendem mais a tabuada, pois têm calculadoras eletrônicas. Não aprendem mais poesias e versos bíblicos ou clássicos, de cor, como outrora. É como se, propositalmente, fosse colocado o lado esquerdo do cérebro em repouso, para dar maior possibilidade ao desenvolvimento do lado direito, que rege a sensibilidade. Temos que compreender essa modificação e tentar colaborar com essa tendência evolutiva.

Do mesmo modo que Mercúrio foi posto em segundo plano pela descoberta de Urano, Vênus o foi por Netuno, e Marte por Plutão. Mas isso seria tarefa de uma outra pesquisa. Voltemos portanto ao nosso tema. Pelo desenvolvimento do pensamento lógico em prejuízo da sensibilidade, o homem achava-se então superior à mulher, que era mais sensível. Para afirmar sua suposta superioridade, ele degradou a mulher como ser inferior, destinado somente a procriar e servir ao homem.

Essa grande mudança aconteceu pelo ano 2.000 antes da nossa era, quando o Sol, na sua peregrinação ao redor do centro da Via Láctea, entrava no espaço zodiacal de Carneiro. A influência do espaço anterior de Touro teve portanto que ser eliminada. No mito persa, Mitra mata o touro, e no mito grego, Teseu vence o Minotauro, iniciando a Era de Carneiro com o mito da conquista do Tosão de Ouro.

A memória dessa grande transição existe até hoje nas touradas dos povos ibéricos (espanhóis e portugueses). É interessante que foram também esses povos que mantiveram o uso do nome materno, o que não acontece com outros povos europeus. Os descendentes iberos acham-se também mais ligados à família e conservam portanto traços da Era Matriarcal. Talvez por isso lhes seja mais fácil recuperar a *participation mystique* na Era Espacial, apesar de agora não ser mais tão mística, mas controlada pelo pensamento lógico.

A proesa mais famosa de Teseu foi matar o Minotauro, monstro com cabeça de touro.

Com a Era Patriarcal começou a Era Industrial. O homem-pensador inventa instrumentos para facilitar o seu trabalho. Abandona o arado primitivo, e inventa o trator, eliminando assim o trabalho humano, e elegendo a máquina. Gradualmente, ele vai desenvolvendo o lado esquerdo de seu cérebro, perdendo mais e mais a atividade do lado direito, ou seja, a sua sensibilidade. Passa a achar então que tudo pode ser medido ou pesado. O que não tem medida ou peso simplesmente não existe para ele; chegando-se ao extremo de, no fim do século XIX, o anatomista Virchow ter declarado que no homem não existia alma, pois, autopsiando milhares de cadáveres, nunca tinha encontrado alguma.

A vida humana, sem dúvida, foi facilitada com os resultados do pensamento humano; mas será que o homem tornou-se mais feliz? Pude verificar isso quando, no fim da guerra, estive refugiada numa aldeia alemã. Ajudava o dono do campo no seu trabalho, de modo primitivo, pois não havia mais gasolina para fazer funcionar o trator. O trigo era cortado com a foice e, como nos tempos antigos, arrumado em feixes e colocado em pé para secar. Nós, mulheres, atrás dos homens, tínhamos que recolher as espigas caídas, como Ruth nos tempos bíblicos. Finalmente, feita a colheita, cansados e queimados pelo sol, festejávamos com tanta alegria, dançando e cantando, como ninguém pode imaginar se não tiver essa satisfação íntima de viver, que o antigo agricultor sentia com o seu labor feito.

Estamos no início da Era Espacial e é evidente que as características da Era Industrial ainda impregnam o nosso cotidiano; assim temos que o homem de hoje desce cansado do seu trator e volta de mau humor para casa, distraindo-se na televisão com um filme que lhe mostra o luxo por ele desconhecido e, portanto, invejado. Vivemos na Era Industrial com muitas vantagens, mas duvido que sejamos mais felizes que os antigos que ainda conheciam a *participation mystique* com a natureza. Entretanto, não podemos fazer retornar os indicadores do relógio milenar.

Na Era Agrícola a Astrologia era um mito. Os homens se sentiam intimamente vinculados com os deuses. Já na Era Industrial o homem passa a se sentir cada vez mais isolado. Descobrindo os segredos da natureza, achava poder dominá-la. Sabia por experiência que os astros o influenciavam, mas não havia descoberto ainda como. Apesar de a Astrologia conflitar com o dogma da alma ser criada separadamente por um Deus Criador, tinha que afirmar uma influência dos astros sobre ele. Muitos papas foram grandes astrólogos. Júlio II, por exemplo, não se deixou coroar antes de ter consultado os astros. Quem se tornou inimigo da Astrologia foram os cientistas. Negaram a possibilidade de uma influência dos astros sobre o homem, porque não podiam medi-la. Mas, apesar disso, a Astrologia era ensinada nas universidades da Europa até 1830; e ainda Goethe, o gênio da poesia alemã, achou importante mencionar seu horóscopo na sua autobiografia.

No fim da Era Industrial o homem vivia numa sociedade hierarquicamente limitada, dividida de acordo com as profissões acadêmicas, militares, industriais e operárias. O sistema de castas dos indianos foi muito criticado; mas de fato vivemos num sistema semelhante. Foi muito difícil para um comerciante entrar no círculo fechado de acadêmicos ou militares, sem mencionar os aristocratas e príncipes que por sua vez constituiam uma hierarquia delineada. Quando a criança nascia, sua futura profissão já era determinada. O menino inglês era, desde o seu nascimento, matriculado na escola sofisticada, em Oxford, e o pequeno aristocrata alemão, numa escola militar que lhe garantia sua futura carreira. O seu *standart* de vida era determinado por seguros, que punham a salvo seus estudos ou os dotes das meninas.

E, de repente, no início do século XX, toda essa estrutura desmoronou. Os europeus pensaram primeiramente que fosse a conseqüência da 1ª Guerra Mundial. As mulheres, pela ausência dos homens, que estavam na frente, tinham que substituí-los e tornavam-se portanto masculinizadas. Os homens, cansados da guerra, tornavam-se afeminados. Isso aumentou ainda mais depois da 2ª Guerra. Os sexos confundem-se cada vez mais no comportamento, no trabalho e mesmo na vestimenta. Será que isso é a conseqüência das duas guerras? Não. Trata-se, de fato, de uma profunda

mudança no pensamento humano. A verdadeira causa disso é a descoberta da Relatividade de Einstein. Einstein a descobriu no início do século XX, mas demorou até que passasse ao conhecimento público. Depois da 1ª Guerra estudei filosofia com o conhecido fenomenólogo Husserl. Nesse tempo, como muitos dos meus colegas, achei que éramos jovens demais para compreendermos o que ele falava. De fato, descobri muito tempo depois que não foi a nossa idade a causa da falta de nossa compreensão, mas a própria confusão do filósofo, cuja base de pensamento filosófico fora abalada. O fenômeno, a base da nossa visão do mundo, tinha se tornado relativa. Na física, por exemplo, um elétron podia tanto ser visto como uma onda, quando chegava num raio de luz, ou como uma partícula quando, tocando uma folha, fosse absorvida por ela e incluída como partícula nas suas células. A física moderna provou que tudo podia ser tanto isto como aquilo, dependendo da posição e do tempo do observador. Ainda no conceito da física moderna, tempo e espaço existem somente para a visão humana. O físico Eddington chegou à conclusão de que todos os acontecimentos existem já de antemão, e que nós só os encontramos através do tempo pelo qual passamos. Na 4ª dimensão, fora do espaço e do tempo, existe tudo que já existiu e ainda existirá.

A humanidade se encontra no caminho para essa dimensão, sem ainda o perceber. O espaço da Terra diminuiu pela telecomunicação; vemos na televisão acontecimentos dos nossos antípodas, quase ao mesmo tempo que eles. No tempo de Goethe, quando ele anteviu a catástrofe do terremoto de Lisboa, logo contou isso na corte do Grão-duque de Waimar; mas a notícia demorou mais de três semanas até chegar de Portugal à Alemanha, confirmando sua visão. Hoje uma tal notícia nos chega quase instantaneamente.

O homem, que no fim do século passado achava que era a coroa da criação, reconheceu os limites das suas percepções e sabe agora que a nossa Terra, com seus bilhões de habitantes, é uma infinitésima parte do enorme Universo, onde provavelmente se encontram outros planetas muito mais evoluídos que a nossa pequena Terra.

Visto essa infinidade, o que pode ser então o homem nessa "unidade vertida em multiplicidade" que chamamos de Universo? Mas se tudo for uma Unidade, uma pequena partícula, como um homem pode talvez ter um papel importante no Todo. Um gene numa célula pode determinar a ação em um corpo humano, apesar de ser uma pequeníssima parte dele. O homem deve voltar a sentir isso, como já o tinha percebido na Era Matriarcal através da sua *participation mystique*. Certamente ele não vai voltar a imaginar deuses, silfos e ondinas como os antigos. Mas vai usar seu pensamento lógico, que desenvolveu até o máximo, para dar uma base científica aos mesmos conceitos. Já falamos sobre as novas descobertas, sobre a sensibilidade das plantas. Do mesmo modo, o homem espacial descobrirá provavelmente a Unidade do Universo, do qual nosso sistema planetário é só uma pequena célula.

O homem espacial, o homem da 3ª humanidade, unirá ambos os hemisférios de seu cérebro, ou seja, o pensamento lógico com a sua sensibilidade, para formar o andrógino dos alquimistas, o homem integral, que não será mais um ego mas um Indivíduo.

O psicólogo C. G. Jung tentou realizar isso através de uma análise profunda, cujo alvo é a individuação. Para esse novo homem existe, no conceito de Jung, também um novo tempo, o sincrônico. Esse tempo faz acontecerem coisas não mais por causa e efeito, como pensava o homem lógico, mas pelo sincronismo que faz acontecerem coisas ao mesmo tempo por serem relacionadas com uma idéia espiritual. O exemplo que ele dá é que certo dia, quando explicou a um paciente a função do Eu Superior, o *Self*, dizendo que os egípcios o representavam sob a forma de um escaravelho, começou a zumbir na janela um coleóptero dourado, bem parecido a um escaravelho. Teve assim que abrir a janela para deixá-lo sair. Tais sincronismos são muito freqüentes, desde que comecemos a observar estes acontecimentos que costumamos chamar de coincidências. E quanto mais o homem se torna "espacial", mas reiterados serão os sincronismos.

O homem espacial não vive exclusivamente na sua cidade, no seu país, no seu continente, sequer exclusivamente na Terra. Ele é um cidadão do mundo. O tempo abriu-se para ele. O homem espacial vive cada momento consciente do "aqui e agora", sabendo porém que o seu **agora** é o tempo infinito, e que seu **aqui** é o espaço ilimitado. O homem espacial sente-se responsável como parte integrante do Universo, do Uno. Reconhece sua tarefa para com o todo, desenvolvendo uma nova *participation mystique* com as plantas, com os animais, com os astros e com os espaços cósmicos que o cercam.

ILSE M. SPATH

O PAI DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

KANÔ JIGORÔ

"Pela concentração, ingressa-se na maravilha da natureza, sem esforço. Transforma-se em divindade."

Kaishú Katsu Iassúfussa[1]

Em outubro de 1860 nasce Kanô Jigorô na província de Hiôgo, Japão, terceiro filho de Kanô Jirôssaku Marêshiba. Perde a mãe aos dez anos, mas sua influência de educadora dedicada far-se-á sentir por toda a sua vida. Aos onze, vai estudar na metrópole. É uma época de grande efervescência com a era Mêiji – 1868-1912 – após duzentos e tantos anos de insulamento parcial e setecentos da subida dos militares – samurais – ao poder. O jovem Imperador recebe de volta o poder político das mãos do último ditador Tokugaua, cuja linhagem consegue, quase até o fim, manter a Paz Absoluta na Terra por todos os meios. Influências ocidentais das mais variadas origens entram e se entrecruzam no arquipélago.

"As pedras são levadas pela correnteza, as folhas afundam" – diz uma canção desse tempo, simbolizando bem o risco de o país submergir no caos total.

Kanô ingressa numa escola dirigida por professores estrangeiros, como interno. Quatorze anos, aluno brilhante, torna-se líder mas, fisicamente fraco, perde para os demais colegas. Há uns terríveis! O menino detesta esse estado de coisas – seu desejo mais ardente: fortificar-se.

Em 1878 ingressa na seção de Letras da Universidade Imperial – hoje, de Tóquio. Filosofia, Política, Economia Política são matérias que estuda. O pai sempre o aconselha a trabalhar para o bem da coletividade. Aspira ser político, então. Seu inglês perfeito preenche cadernos carinhosamente conservados até agora.

Para cultivar o físico, bate à porta do mestre de Jújitsu, Fukuda Hatinôssuke, do estilo Tenjin-Shin-Iô, um dos numerosos tradicionalmente existentes. O professor falece de repente daí a dois anos, mas Kanô continua com outro. Vai à academia à noite, regressando quase morto depois das vinte e três horas. Estuda vários estilos, aperfeiçoando sua técnica. O jovem, inteligente, consegue enxergar além das aparências – aquela é a arte de se vencer delicadamente a brutalidade.

À época da formatura, em 1881, seu entusiasmo pela política decresce. Compreende que a educação é a razão de sua vida. Fica mais um pouco na Universidade para se aperfeiçoar. Treina o Jújitsu do estilo Kitô e, mais tarde, seu mestre Iikubo Tsunêtoshi dá-lhe o diploma. Enquanto isso, trabalha como instrutor no Colégio de Pares, ensinando Política e Economia Política. Está seguindo os conselhos do pai e da mãe, em particular. Toma a decisão de aperfeiçoar o Jújitsu tradicional para o benefício das pessoas, da sociedade, do país. Assim se fortalecerá o corpo e o espírito, ao mesmo tempo que se fazem as competições. Esse maravilhoso tesouro cultural merece e deve ser praticado por todos no mundo inteiro.

Após a dolorosa transição político-social, há a tendência de se reconsiderar as boas coisas antigas. Nem sempre o modernismo é sinônimo de acerto. O jovem Kanô acha estar na hora exata de iniciar o Judô Moderno. As Técnicas de Projeção do estilo Kitô, as de Ataque aos Pontos Vitais e as de Imobilização do Tenjin-Shin-Iô, a Arte de Cair Sem se Machucar do estilo

Sekíguti, além dos melhores pontos de outros estilos, conservando tudo o que se harmonize com seu objetivo, são suas bases. Através da pesquisa e experimentação acrescenta técnicas novas, compondo o sistema. A meta: o fortalecimento físico e espiritual por meio da competição, exercícios livres e pré-combinados, preleções e diálogos. Pela utilização de didática e métodos racionais, é a Codificação do Jújitsu Antigo, segundo o novo ideal, elevado. O nome de tudo isso, Judô.

Na época, o Jújitsu não tem prestígio entre as criaturas, que o consideram até brutal, perigoso. Enquanto defesa pessoal e apropriado para o campo de batalha, tudo certo. O Judô transcende o Jújitsu, tem algo mais, o significado profundo, outro objetivo – evita a confusão entre eles, e aspira ensinar que é assim. Pelo treinamento da defesa-ataque, estuda o Caminho ou Moral humanos.

KÔDÔKAN

KÔ – Fraternidade – Esclarecimento – Aprendizado

DÔ – Caminho ou Moral

KAN – Instituto

Em 1882 nasce o Judô de Kôdôkan na academia de doze *jôs*[2] no Templo Eishôji, bairro de Shitayá, Kita-Inaritchô na capital japonesa. Embora se considere oficial o período de maio até fevereiro de 83, o curso inicia-se antes, em fevereiro. Apenas nove alunos – Iamada (mais tarde Tômita), Tsunejirô, Híguti Noríiassu, Árima Junshin, Saigô Shirô, etc.

Nessa época, a educação enfatiza demais a parte intelectual. O Judô Moderno, assentado nos três pilares da educação física, moral e intelectual, é fundamental para a formação de bons cidadãos. Torna-se o Grande e Melhor Caminho, difundindo-se em breve pelo país inteiro, e mais tarde por todos os países do mundo.

O mestre Kanô, vinte e três anos, pouco mais velho que seus discípulos, possui vitalidade inacabável. Daí o problema. A academia, não construída para isso, é velha sala de estudos e quarto do professor que balança perigosamente a cada exercício de queda. Não bastassem as bases abaladas, as táboas do assoalho caídas, as telhas deslocadas, o terremoto artificial derruba as placas com os nomes póstumos dos antigos fiéis, na sala ao lado. Tarde da noite, Tômita conserta o chão, à luz tênue da vela segura pelo mestre, afastando as teias de aranha. O vigário Assahi Shumbô, homem bom, tolerante, só comenta no início:

– O Sr. Kanô é ótima pessoa, mas aquele Judô...

E os treinos, cada vez mais violentos, o sacerdote se queixando. Um dia, grita desesperado: – O templo virá abaixo! O professor responde: – Entendi.

Uma pequena academia é construída no terreno vazio perto da entrada. É um belo início de outono. Os alunos dão vivas. Porém o jovem mestre enfrenta dificuldades terríveis. Seu salário é bom para uma pessoa só. Todas as despesas, desde os materiais de construção às roupas de treino, além da comida para os alunos, saem de seu bolso. Faz biscate de tradutor para o Ministério da Educação – os textos são de Filosofia. Poucos alunos, cerca de sete, a maioria vindo escondida dos familiares, que não compreendem o espírito do Judô. Tômita, o matriculado mais antigo, comenta anos depois que costumava pintar com nanquim o chapéu gasto de seu mestre.

Mais duas vezes dá-se a mudança da academia – em fevereiro de 1883, para uma escola de inglês dirigida por Kanô, de nome Kôbunkan, em Minami Kambôtchô, no bairro de Kanda, dos comerciantes. Treina-se no depósito, pequeno, escuro; são sete meses realmente sofridos. A sociedade considera-o apenas mais um jovem formado sonhador. O Jújitsu continua fora de moda. E em setembro do mesmo ano, o Kôdôkan transfere-se para a própria residência do professor, em Kami Nibantchô. A sala da frente, aumentada e reformada, fica, felizmente, logo inadequada. Uma nova academia de **vinte** *jôs*, a maior até então, é erguida no terreno vazio. Cresce o número de alunos.

Durante três anos, Kanô e eles moram juntos, estudam o Judô, ansiosos para enfrentar logo o velho Jújitsu, não agonizante de todo. O Livro de Matrículas, a festa de Abertura em janeiro, a promoção de graus e classes – Tômita e Saigô são os primeiros *shodán* (primeiro grau da faixa-preta na História, em agosto de 1883) – o Treinamento de Inverno e as Competições Semestrais e Mensais são iniciadas nessa fase.

AS PRIMAVERAS DE FUJIMITCHÔ

Entre as primaveras de 1886 e 1889 o Kôdôkan alcança prosperidade e reconhecimento público. A casa, alugada do visconde Shinagaua Iajirô, fica num terreno de mais de três mil metros quadrados, em Fujimitchô, no número um. O dono encontra-se na Alemanha como Ministro. O mestre Kanô e seus discípulos mudam-se para ali, e uma nova academia de quarenta *jôs* é construída. Hishida Shunsô, genial pintor da era Mêiji, retrata uma cena do treino extenuante dos jovens alunos, corados, transbordantes de energia. E o professor, sentado num plano mais elevado, vigia-os atento.

Tômita, Saigô, Iamáshita, Iokoiama, Tôbari e Satô – aspirantes a professores de Judô; Munákata,

Honda, Iuássa, Támura, Ôda, Kanô, Ôshima, Hirôsse (herói militar), Kauai e muitos outros, embora não especialistas, são também de grande valor. A união mestre-discípulo sendo perfeita, o terreno é desbravado dia a dia. Novas técnicas são inventadas e aperfeiçoadas. Aqueles 1os quatro pioneiros citados acima, segundo o Dr. Kanô, tornam-se os responsáveis diretos pela evolução da **Perna de Kôdôkan**, conjunto de Técnicas de Pernas ainda sem nomes especiais – a classificação e organização chegarão mais tarde – diante da qual os peritos do Jújitsu tremerão. Estes ainda têm bastante prestígio e apoio oficial porque, desde janeiro de 1883, os policiais recebem ordem superior de aprender o Jújitsu tanto para defesa pessoal como para manutenção da ordem pública. Oito especialistas do estilo Tôzuka-Iôshin, quatro do Take-no-Uti, três do Sekíguti, três do Tenjin-Shin-Iô, dois do Riôi-Shindô, um do Kitô e outros estão contratados pelas Polícias Metropolitanas.

Infelizmente, no campo educacional, o Jújitsu encontra-se em coma: as artes marciais desaparecem do currículo em 1872; o Ministério da Educação faz uma consulta daí a doze anos, obtendo a desalentadora resposta: o Jújitsu e o Kênjutsu – esgrima japonesa – são impróprios para serem ensinados nas escolas. Apenas dez estabelecimentos em todo o país, quando muito, continuam a praticá-los. Os poucos interessados procuram as academias das cidades, cuja subsistência modesta é feita à base de curar luxações, torceduras, fraturas. Os mestres de Jújitsu têm excelentes conhecimentos de anatomia.

A gestão do quinto comissário da Polícia Metropolitana, Mishima Mitíiassu, de dois anos e dez meses a partir de dezembro de 1885, tem importância capital para o Kôdôkan. Ele organiza o Campeonato de Artes Marciais, onde brilham os discípulos do mestre Kanô, ainda quase anônimos, empatando e até vencendo campeões experimentados do Jújitsu.

1887 marca o combate finalíssimo entre o estilo Tôzuka-Iôshin, o mais poderoso das velhas escolas, e o Judô de Kôdôkan. Dez lutas, três empates e sete vitórias do novo estilo, que passa a ser respeitado em todo o país. As técnicas, quase todas de pernas – a terrível **Perna de Kôdôkan**, cientificamente aperfeiçoada, baseada em leis da Dinâmica principalmente – aplicadas por jovens atletas cheios de vitalidade e idealismo.

Após 1897, o Jújitsu vai sendo absorvido pelo Judô Moderno do mestre Kanô. Antepassado do segundo, integra, sempre vivo, a circulação sanguínea do novo sistema codificado. Eternamente.

DE INSTRUTOR A DIRETOR DE FACULDADE

Após sete anos de Colégio de Pares, o moço Kanô deixa a escola como vice-diretor – na época, chama-se a esse cargo chefe dos professores. Como educador no sentido acadêmico, chama-se de Período do Colégio de Pares entre os vinte e três e os trinta anos. Como Codificador e Fundador do Judô de Kôdôkan, 1889 comemora a vitória sobre os vários estilos de Jújitsu. Uma nova era se inicia no Japão, que influenciará o mundo inteiro.

Formado em Filosofia em 1882, sua vida é dificílima sustentando os estudantes que o ajudam, dirigindo o Kôdôkan e a escola de inglês Kôbunkan. O único luxo no Templo Eishôji é uma velha cozinheira. Faz serão quando o dinheiro não dá, com traduções. Das seis às oito da manhã, ensina no Kôbunkan, depois vai ao Colégio de Pares. Na volta, ensina Judô e prepara as lições. Uma vez por semana faz preleção de três horas seguidas na Escola de Agricultura de Komaba. Na idade madura, o mestre se admira de ter agüentado esse ritmo frenético.

Funda uma academia de Judô no Colégio, onde os diretores Tani, e depois Ôshima, dão-lhe carta branca para formar os jovens nobres do futuro.

O governo envia-o à Europa a fim de observar a educação em vários países. Regressa em janeiro de 1891. Em agosto do mesmo ano é nomeado diretor do Quinto Colégio no sul, em Kumamoto, região de Kiushú, chamada de Reino das Artes Marciais. Recebido com festas, alunos e professores fazem do Judô – já muito popular ali – sua atividade favorita. Leva seus assistentes da capital, naturalmente. Um ano e meio maravilhoso.

Leciona Literatura Inglesa na escola Koízumi Iákumo. Este, o famoso escritor inglês Lafcadio Hearn naturalizado nipônico e que adota o sobrenome da esposa, de antiga aristocracia militar, impressionado com os ensinamentos teóricos e práticos do Judô, pu-

blica, mais tarde, no estrangeiro, o livreto "Sem Nada Forçar, Delicadamente, Vencer a Brutalidade", considerando-o cultura espiritual, em 1893.

Mestre Kanô luta bravamente para impedir o fechamento do colégio pelo governo, durante sua gestão, e lidera a criação da Universidade de Kiushú. O Ministério pede sua volta e ele obedece. O Kôdôkan de Kumamoto fica nas boas mãos de Árima Junshin, seu discípulo e professor do Quinto Colégio.

Como diretor, durante a época de Kumamoto, passa sem a esposa, que está na capital, ainda por se diplomar no Colégio Feminino das Nobres; é bem mais jovem, pois ele, com a luta pela subsistência e pelo reconhecimento do Judô Moderno, nem tempo de olhar para uma moça tem. A lenda conta que foi amor à primeira vista; mas não – sua irmã sugeriu Sumako, filha do Dr. Takezôe, Ministro na Coréia, e Kanô resolveu aceitar.

De 1882 a 1919 funciona o Curso Kanô, responsável pela formação de meninos, que depois de homens farão o Japão progredir. Os trezentos e cinqüenta alunos dele destacam-se nas ciências, ensino, política, finanças, funcionalismo. Etiqueta, trabalho e formação moral são as bases da educação dos jovens adultos, juvenis e infantis. É ensinada a frugalidade, o asseio, o espírito de equipe. Garotos da alta sociedade também trabalham duro, fazendo plantão para a limpeza dos lampiões e banheiros. Têm hora certa para o estudo das matérias da escola e do Judô diário. Fazem excursões de domingo, natação de verão na praia e atividades esportivas diversas. Há também uma publicação a cargo deles, escrita e ilustrada. Nem a mente nem o corpo ficam ociosos. E vão para casa apenas duas vezes por mês.

Os alunos andam pelas ruas com o emblema de cinco círculos em suas roupas. No meio deles, o número **um** (–). O emblema, onde a barra de ferro candente vermelha é envolvida na maciez e pureza do algodão, demonstra o espírito da **Delicadeza Exterior, Força Interior**. O povo respeita esses jovens, a esperança do Japão moderno e pujante.

Até hoje o mestre Kanô é lembrado como o grande incentivador e responsável na educação também dos bolsistas chineses. De 1896 a 1909 é a duração dessa escola, marcando 1906 seu apogeu, havendo, até então, mil novecentos e cinqüenta e nove diplomados e mil seiscentos e quinze matriculados.

Situada nos arredores da capital, região norte, é chamada de Kôbun Gakuin; é freqüentada tanto por meninos como até por anciãos de setenta anos. O Judô não é obrigatório mas muitos se interessam em aprender, diplomando-se o primeiro faixa-preta chinês. Isso é uma surpresa para os desavisados quando lêem a lista dos graduados daquela época, pois não sabiam do grande papel de mais uma das escolas fundadas e mantidas pelo Dr. Kanô. Muitos líderes e anciãos da China Popular estudam ou são influenciados pelas idéias do mestre, como o próprio Mao-Tsé-Tung na juventude. Sempre amando e instruindo o próximo, o mestre começa por dar atenção ao vizinho com o qual o Japão tem, há séculos, atritos e desavenças numerosas.

Prossegue a ascenção do fundador do Kôdôkan – no início de 1893, é nomeado conselheiro do Ministério da Cultura e diretor do Primeiro Colégio na capital. Depois de três meses produtivos, chamam-no para a direção da Escola Superior de Educação no mesmo ano, sendo o mais jovem a ocupar o cargo até então. Dá o máximo de si até 1919, quando se retira aos sessenta e um anos, tendo a escola sido reconhecida como Faculdade.

Formar professores em qualidade e quantidade, pesquisar métodos de ensino a fim de obter um povo culto, educado para uma grande nação, eis sua filosofia. Dá certo como tudo o que ele faz: em uma década, os formados pela Escola rivalizam com catedráticos de Universidades em conhecimento e personalidade.

Ainda no início da carreira de diretor, apresenta-se à sua frente um jovem encarregado de Inglês, recém-contratado. Explica-lhe, então:

– A Escola Superior de Educação é lugar de formação dos futuros professores. A responsabilidade do professor daqui é imensa. Você também, como educador, seja o exemplo para seus alunos.

A resposta pega-o de surpresa:

– Sou pessoa cheia de defeitos e não estou à altura do cargo. Se é um ofício tão difícil, peço demissão.

– Nesse caso – remata o Dr. Kanô, encantado com sua honestidade – faço questão cerrada de que permaneça.

O moço sincero é Nátsume Sôsseki, futuro escritor, o mais importante da era Mêiji, contemporâneo nipônico de Machado de Assis.

Para o diretor, o conceito de Educação Física apóia-se na Educação Física propriamente dita, Moral e Intelectual, a trindade inseparável. Resolve praticá-la antes da instrução como método didático. Através de Educação Física formará as criaturas, resultando num bom povo. A primeira providência é a de formar especialistas na matéria, ainda não existentes. O trabalho se faz por etapas desde 1899 até 1915, quando o Curso de Educação Física, paralelamente ao de Ciências e Letras, faz a divisão dos especialistas em Ginástica, Judô e Kendô. O próprio Dr. Kanô, assessorado por seus discípulos, dá aulas pessoalmente. Os melhores jovens talentos do país inteiro acorrem ao curso, e o resultado é maravilhoso. Um ano após a formatura da

primeira turma de Educação Física, o mestre aposenta-se com mais de um quarto de século dedicado à Escola.

Ela prospera, mantendo seu alto nível. Após a Segunda Guerra, funda-se a Faculdade de Educação de Tóquio, com o curso de Educação Física. Até hoje, fala-se na Escola Superior de Educação Física de Kanô ou o Kanô da Escola Superior de Educação, tal a ligação e a harmonia entre os dois. O fundador do Kôdôkan é conhecido também como o **Pai da Educação Física no Japão.**

AS VIAGENS

Em 1909 o Barão de Coubertin convida o Dr. Kanô para ser o primeiro delegado japonês e oriental aos Jogos Olímpicos, através do embaixador francês. Sua fama é bem grande na Europa. Todos os alunos da Escola praticam atletismo e natação incentivados por ele. Porém muito antes começa a divulgação do Judô entre os visitantes estrangeiros ao país.

O general Grant, décimo-oitavo presidente americano, chega ao Japão durante sua volta ao mundo. O universitário Kanô e seu colega Godai Ríussaku fazem-lhe uma demonstração de Jújitsu. Depois dele, numerosos professores como Ladd – de Yale, Hughes – de Cambridge, diplomatas, oficiais britânicos, damas e cavalheiros ocidentais, ficam encantados com as explanações e demonstrações de Judô. Após as guerras contra a China e a Rússia, sua fama cresce, havendo muitos intelectuais que vão ao Japão especialmente para conhecê-lo, entre os quais professores de Oxford e Columbia, o conde Latour, então presidente te do Comitê Olímpico Internacional, e Garland, delegado do mesmo. O primeiro aluno estrangeiro do Kôdôkan é o capitão inglês H. M. Hughes em 1893. Já em 1908, cinqüenta e quatro estrangeiros estão treinando ali – hindus, ingleses, americanos na maioria todos muito bem recebidos e atenciosamente tratados.

O Dr. Kanô faz treze viagens ao exterior. Na primeira, em 1889, como observador da educação na Europa, aproveita para apresentar o Judô pela primeira vez oficialmente fora do país de origem. Um campeão russo de luta-livre desafia-o. Num instante, o adversário é projetado para o chão, enquanto o nipônico segura-lhe a cabeça para não machucá-lo. Os espectadores assistem boquiabertos ao espetáculo.

A segunda viagem é para a China, em 1902, a convite de um renomado educador, voltando lá também em 1905.

É em 1912, nas Olimpíadas de Estocolmo, a quarta saída para o estrangeiro. Vão com ele dois atletas, Kanáguri e Mishima, seus alunos da Escola.

– Meu colega não passou da primeira eliminatória dos cem metros rasos – conta o primeiro – e eu corri dezoito das vinte e cinco milhas da maratona, precisando desistir. Foi uma tristeza. Porém o professor animou-nos rindo: "Não é porque vocês perderam as duas provas que o japonês é fraco. O futuro existe, esforcem-se." Nossa moral elevou-se com essas palavras e decidimos continuar.

O mestre percorre a Europa e os Estados Unidos para estudar a educação nos vários países, divulgar o Judô e sua Filosofia do **Uso Benéfico da Energia** proclamada nesse mesmo ano.

Sétimos Jogos Olímpicos de Antuérpia; 1920 – o Dr. Kanô observa o sistema educacional na Europa após os horrores da Primeira Guerra, faz palestras e demonstrações de Judô como sempre. No ano seguinte, a sexta viagem é para Shanghai, levando os atletas para os Quintos Jogos Asiáticos.

Um sucesso as Nonas Olimpíadas em Amsterdam – 1928. Kamada ganha a medalha de ouro no salto triplo, a jovem Hitômi chega em segundo nos oitocentos metros rasos, logo após a holandesa[3]. No mesmo ano, o mestre dá aulas em Shanghai aos soldados de vários países ali acantonados.

A nona viagem data de 1932. São os Décimos Jogos Olímpicos de Los Angeles, e as nipônicas, com Maêhata à frente, ganham os três primeiros lugares nos cem metros nado de peito[4]. Námbu quebra o recorde olímpico mundial do salto triplo – além de receber a medalha de bronze no de extensão – Ôshima chega em terceiro lugar e o atleta sueco em segundo.

A seguir, o professor viaja com o sexto-grau Táguti pela costa leste dos Estados Unidos a fim de difundir o Judô, abrindo também caminho para a formação da Associação dos Faixas-Pretas. Esta décima via-

gem, em 1933, é de importância crucial pois trata da realização das Décimas Segundas Olimpíadas no Japão em 1940, participa da Liga Internacional de Parlamentos e, claro, da maior divulgação do Judô no exterior.

Com os sextos-graus Takázaki e Kôtani, embarca na Estrada de Ferro Transiberiana apresentando-se na Alemanha e Inglaterra. Sugere, em Londres, a organização da Federação Internacional de Judô. Em 1934, participa da Assembléia da Comissão Olímpica e demonstra o Judô em todos os países europeus.

A penúltima viagem, em 1936, é rumo aos Décimos Primeiros Jogos Olímpicos de Berlim, onde sua caricatura aparece num panfleto. E o Japão ganha o tricampeonato no salto triplo com Tajima[5], que não será batido por muito tempo. A Assembléia da Comissão Olímpica Internacional realiza-se no Egito, ano seguinte. O mestre anuncia pela Rádio do Cairo que o Japão sediará oficialmente as Olimpíadas de 1940. Grande agitação na capital e em todo o país. Porém, no regresso à casa via América, o Dr. Kanô falece de pneumonia a bordo do Hikaua-Marú, a quatro de maio de 1938, aos setenta e nove anos incompletos. Espírito afim do Barão de Coubertin, dá a própria vida pelas Olimpíadas.

Foi lamentável o inverno da Segunda Guerra, apenas possibilitando a realização dos Jogos em Tóquio no ano de 1964[6]. A Federação Internacional de Judô estava a um passo da oficialização quando o desaparecimento de seu idealizador trunca-a, infelizmente. Mais tarde, torna-se realidade, com oitenta países filiados. Diz o último capítulo de seu regulamento: "A Federação Internacional só reconhece como Judô o iniciado pelo mestre Kanô. É sociedade apolítica, não distinguindo credo nem raças." Notável como o fundador visa, com firmeza, elevar a **Arte** até o **Caminho** ou **Moral** da vida, e através dele, conseguir a **Paz para o Mundo** e a **Felicidade para a Humanidade**.

A difusão do Judô de Kôdôkan deve-se ao fato de constituir o Caminho que engloba os ensinamentos e as técnicas mais evoluídas, de valor incalculável como método de aprendizado educativo-científico.

Nas forças Armadas, a Marinha é a primeira a incluí-lo em seu currículo em 1887. Introduzido nos ginásios em 1911, passa a ser matéria oficial em 1931. Existem mulheres praticantes de Judô já no início do século, mas a seção feminina do Kôdôkan é inaugurada oficialmente em 1923.

Declara o Dr. Kanô:

— O Japão recebeu, até hoje, muitos ensinamentos do exterior e deve, também, retribuir-lhe com algo. O Judô é a dádiva que o Japão transmitirá para a elevação da cultura do mundo, contribuindo, ao mesmo tempo, para a aproximação e o progresso de todos os povos.

Pai da Educação Física no Japão é um título pequeno demais para homem tão extraordinário. Bem mais apropriado será **Pai da Educação Integral no Mundo**.

EICO SUZUKI

NOTAS:

1. Poesia de um dos pilares da modernização do Japão, conservada como tesouro no Kôdôkan. Na festa de inauguração da academia em Tomizakatchô, ele assiste a uma demonstração de Formas Arcaicas pelo Dr. Kanô e seu discípulo Ôda Katsutarô. Impressionado com a harmonia dos movimentos, escreve, inspirado, esses versos.
2. *Jô* — módulo de superfície na construção japonesa, sendo o tamanho do *tatamí*, elemento de palha de arroz trançado tradicional.
3. Nessa prova, as corredoras, exaustas, caem na pista. A Comissão Olímpica, convencida de ser esforço demasiado para a mulher, não realiza mais os oitocentos metros por muitos anos. Hoje, ela compete até na maratona... A atleta Hicômi é a primeira jornalista esportiva no país. Falece antes dos vinte e cinco anos.
4. As nadadoras são meninas. A "medalha de ouro", já avó, ainda ensina as garotas.
5. A marca de dezesseis metros para o salto triplo só viria a ser quebrada pelo brasileiro Ademar Ferreira da Silva na década de cinqüenta.
6. O Judô torna-se esporte olímpico a partir dos Jogos de Tóquio. Um dos maiores batalhadores para a sua realização é o brasileiro Dr. Ferreira Santos, médico em São Paulo, presidente do nosso Comitê Olímpico na época. Falece antes de 1964, estando hoje quase esquecido.

* O rápido progresso do Japão após 1868 não foi um milagre. Missionários como o Dr. Kanô tornaram isso possível. Porém houve infra-estrutura montada porque a educação popular tinha muito incentivo principalmente nos séculos nove, treze e dezoito. Nesse último, meninos e meninas estudavam em escolas dos templos. Houve obras dirigidas à infância. O japonês era um devorador de livros, sendo uma edição de dois mil exemplares considerada pequena. O fenômeno citado acima nada tem de intrigante se soubermos disso.

* Nossos agradecimentos à AKOBRACE — Associação Kôdôkan Brasileira Cultural e Esportiva, sucessora da Associação dos Faixas-Pretas de nosso país, pela oportunidade de traduzir alguns capítulos do livro *Cem Anos do Judô* — Editora Kôdansha, 1970, 1ª edição — para o português em 1983, que inspirou este estudo.

A Linguagem Simbólica nos Livros Sagrados

*Cristo e os **Símbolos** dos Evangelistas*

Na interpretação dos livros religiosos – os livros sagrados – a Simbólica é um instrumento utilizado para auxiliar a hermenêutica (palavra que vem do grego *hermeneia*, significar) portanto, a arte de interpretar os textos sagrados. Ela está em relação à exegese, como a Lógica está para a Filosofia, já que estabelece as leis que a ciência exegética vai aplicar para achar o verdadeiro sentido dos textos. Há, entretanto, certas dificuldades quanto às modalidades de interpretação dos textos antigos e muita controvérsia, visto a matéria ser bastante complexa. Apesar do livro sagrado ser considerado um livro **inspirado pela Divindade** é, antes de tudo, uma obra humana, já que foi escrito por um homem. Este, naturalmente, inspirado pela Divindade e que a traduziu numa linguagem humana: aspecto humano que tem de ser interpretado e faz parte da hermenêutica que procura, por sua vez, saber de quantas maneiras possíveis se pode interpretar um texto sagrado.

Sendo a palavra um sinal verbal possui, também, um sinal conceitual e adquire um valor simbólico, valor que a transforma propriamente em símbolo. A palavra, como mero comunicante de conteúdos conceituais, é um sinal verbal, um meio técnico de comunicação. E é aqui que vai se centralizar o problema capital, uma vez que a linguagem, como um meio de comunicação traz, em si, tantas implicações. Este aspecto humano é objeto de uma interpretação.

A Bíblia, por exemplo, tem a sua decodificação através da hermenêutica, pois Deus pretendeu expressar-se por meio de palavras escritas pelo autor secundário, neste caso, o hagiógrafo, aquele que foi inspirado, o recebedor da palavra divina.

Os livros sagrados pertencem à Literatura e, como obras literárias, apresentam modos diferentes e gêneros literários que são diversos: a estilística que vai descrever as notas características dos autores; as normas que regulam a composição e os gêneros literários que admitem múltiplas interpretações. É preciso também levar-se em conta o vocabulário empregado, o estilo – se em verso ou em prosa –, linguagem direta ou figurada. Neste caso, ela admite diversos processos típicos da linguagem figurada na literatura como : a parábola, a alegoria, a fábula, etc. Assim, a forma usada pelo hagiógrafo é importante e determinante, já que há uma escolha do gênero de narração que vai servir para relatar a inspiração recebida, pois é através dela que ele pretende instruir, convencer ou, somente, entreter o leitor, porém sempre oferecendo uma mensagem de origem divina. Classificar o gênero literário é a chave com a qual vai se abrir a interpretação do livro sagrado. Os que são considerados inspirados, de revelação, não escondem a personalidade do hagiógrafo. Assim o *Evangelho de São Lucas*, comparado ao *Evangelho de São João*, mostra uma nítida diferen-

ça da personalidade de cada um dos dois narradores na maneira de interpretar a vida de Cristo. Alguns outros livros da Bíblia são profundamente enigmáticos, enquanto há os que utilizam a fábula, provérbios, parábolas – como as famosas Parábolas de Cristo –; poesia como o *Cântico dos Cânticos*; a doutrinação como no *Livro de Jonas*, dentre outros. De forma que a interpretação tem que se cingir a esses gêneros e tem de ser feita dentro das características de cada um. A Igreja, por exemplo, na interpretação dos textos sagrados tem grande cuidado, porque se coloca numa posição um tanto reservada quanto à interpretação, permitindo, não obstante, sejam feitas várias desde que não sejam heréticas.

Os livros sagrados, como a Bíblia, têm características próprias, idiomatismos típicos do povo judaico e das línguas semitas que foram usadas para a redação dos livros, onde é comum a forma hiperbólica e o uso constante de paradoxos e metáforas. Todos os livros sagrados são de origem oriental e, no Oriente, a linguagem religiosa é quase sempre hiperbólica, paradoxal, cheia de metáforas, usando-se uma Simbólica muito prolixa. No Ocidente a linguagem é mais literal, mais direta.

A Igreja, por sua vez, toma muito cuidado com o sentido hiperbólico. Assim, certas passagens não podem ser tomadas ao pé da letra. Vejamos o capítulo 24 (versículo 29) do *Evangelho de São Mateus*: "E logo depois da aflição daqueles dias escurecer-se-á o sol, e a lua não dará a sua claridade, e as estrelas cairão do céu, e as virtudes dos céus se comoverão". Não se pode tomar em sentido literal pois são expressões que foram interpretadas como o anúncio do fim do mundo, mas que são metáforas, hipérboles, que precisam ser consideradas como típicas do povo judaico.

Esboçando rapidamente o histórico da hermenêutica destaca-se, no período Patrístico, a tendência em considerar a interpretação alegórica como a mais evidente e segura para os livros sagrados.

São Mateus

Grandes exegetas deste período, como São Jerônimo e Santo Agostinho, deram este sentido alegórico, seguido posteriormente durante toda a Idade Média. Houve, porém, autores escolásticos que procuraram desenvolver a análise através do método analítico, que vigorou no período moderno com o florescimento dos estudos lingüísticos e das línguas usadas na redação dos livros sagrados: o semita, o ciríaco, o aramaico, o etíope, etc.

Após as conquistas modernas sobre a hermenêutica, nota-se a preocupação em se fazer comentários histórico-filológicos sobre a Bíblia, aprofundando-se o texto utilizando a Simbólica que vai possibilitar uma mais completa e segura análise na interpretação dos textos sagrados. Mas, com isto, não queremos afirmar que se deva interpretar os textos apenas simbolicamente porque, se assim for feito, o que fosse histórico passaria a ser interpretado de modo puramente simbólico e, então, deformar-se-ia a verdadeira intenção do hagiógrafo. É preciso ter-se em mente os diversos sentidos que possam ter os livros sagrados. Não se pode usar somente o método literal ou o alegórico; é preciso usar o literal quando o texto permite uma interpretação literal, e alegórico, quando for o caso. Algumas interpretações modernas vieram esclarecer pontos altamente controversos de certos textos, e as soluções foram proporcionadas pelo conhecimento filológico que permitira uma tradução mais perfeita. O símbolo é predominante nos livros sagrados, nas suas diversas maneiras de se manifestar; uma interpretação simbólica é quase sempre possível de ser usada, salvo nos casos em que a interpretação literal deva prevalecer.

Aplicamos, na análise do texto acima, o método dialético-simbólico de Mário Ferreira dos Santos, utilizando trechos de aulas dadas pelo autor, nos anos de 1965 a 1966.

YOLANDA LHULLIER DOS SANTOS

À GUISA DE UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA KABBALA

Continuação da palestra proferida por Ignácio da Silva Telles em 9 de outubro de 1982, no auditório da Associação Palas Athena.

V

Ainda sobre o nome e o número das coisas.

Terminamos o último artigo desta série no número 35 da revista Thot, mostrando que não há de ser por acaso – mesmo porque o acaso não existe – mas por encobertas razões que presidem à formação e ao desenvolvimento das línguas, que essas duas palavras, nome e número, em diversos idiomas indo-europeus, possuem ambas a mesma raiz N – M. Assim, por exemplo, em inglês, *name and number*; em francês, *nom et nombre*; em italiano, como em português, nome e número; em alemão, *Name und Nummer*.

Essa raiz prende-se à idéia de ordem cósmica que corresponde ao *Dharma* dos hindus, isto é, à Ordem Sagrada que preside todo o processo da Criação e, no que diz respeito ao ser humano, deveria fundamentar, em última análise, toda a legislação da ordem social. É o *Nomos* dos gregos, que significa lei, e que tem íntima ligação com o verbo *deik numi* que, por sua vez, significa "eu mostro", "eu ensino". Esse mostrar e esse ensinamento, em hebraico, incluem-se entre as significações analógicas da palavra *Torah*. O verbo *torah*, de onde procede o substantivo *Torah*, designa um gesto da mão que se estende, seja para oferecer, ou para lançar, como para mostrar.

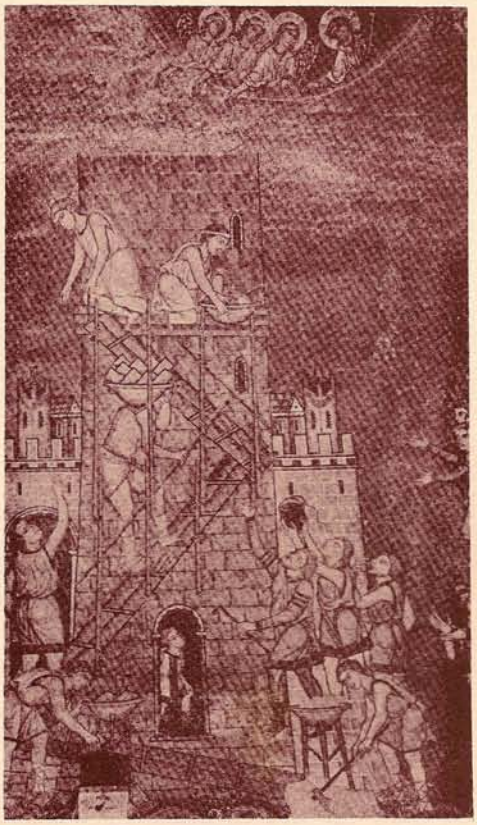
É curioso observar que certamente também não deve ter sido por acaso que inúmeros são os legisladores primordiais de diversos povos que ficaram sendo conhecidos com nomes com a mesma raiz M – N, ou N – M. Aqui, o emprego do adjetivo **primordiais** refere-se, não necessariamente aos mais antigos, mas àqueles que, havendo captado certos aspectos do *Dharma*, traduziram-nos em normas para seu povo, normas essas que apontam a direção para o mais completo perfazimento do ser humano. Assim, por exemplo, na Índia primitiva dos tempos védicos, encontramos as leis de **Manu**, ou *Manava-Dharma-Sâstra*, e na Índia do VI século antes de Cristo, Sidarta Çaquia **Muni**, o Buda. No Egito antigo, **Menes**. Em Creta, **Minos**. Em Roma, **Numa**. Entre os hebreus do VI século antes de Cristo, **Nehemias**. Em Babilônia, o seu fundador, **Nemrod** (1). Quanto a este, diga-se de passagem que, sendo o ser humano dotado de livre-arbítrio, Nemrod traiu a sua missão, pois que em vez de se desenvolver como um legislador primordial, como prescreve a raiz de seu nome, optou por um destino diverso e mesmo contrário, e "começou a ser poderoso na terra", tornando-se "um robusto caçador diante do Senhor". Foi exatamente em Babilônia, na terra de Senaar, que se construiu a Torre de Babel (2), de onde veio a confusão de línguas. Aliás, por sua origem etimológica, a palavra Babilônia significa "porta de Deus", ao passo que Babel, por sua raiz "bll", refere-se ao verbo "confundir".

Bem se sabe que os textos do Pentateuco, assim como os de praticamente todos os livros do Antigo e do Novo Testamento – e assim também como quase todas as histórias mitológicas das mais diversas civilizações, histórias estas criadas por poetas, ou Menestréis altamente inspirados, surgidos no tempo da infância ou juventude de cada ciclo cultural – não devem ser tomados somente ao pé da letra, pois quase sempre são histórias criadas com tal força sugestiva, usando símbolos que afloram dos arquétipos do inconsciente coletivo, que por elas nos sentimos atirados na direção de realidades além das aparências, realidades mais verdadeiras, muitas vezes além do pensável, e que se apresentam para quem tem ouvidos para ouvir, em quatro planos diferentes. A narração da Torre de Babel é um exemplo marcante desse gênero de histórias. A figura do caçador é outro exemplo.

Entre algumas significações mais profundas, o caçador, nas histórias mitológicas, refere-se àquele que mata as coisas do mundo; se as mata é porque não as ama; se não as ama é porque não as compreende; se não as compreende é porque está mergulhado na confusão. Ora, Babilônia foi fundada por Nemrod, o qual se tornou um caçador, mergulhado na confusão. Em todas as histórias sagradas do mundo, em todas as mitologias, a figura do caçador sempre representa o homem em confusão.

Talvez convenha seja dito que a mensagem dos legisladores primordiais dos povos mais diferen-

tes, vivendo em épocas históricas as mais diversas, coincidem no que transmitem de mais profundo, sempre reconhecendo no ser humano a potencialidade de se desenvolver e de se perfazer em planos cada vez mais altos. Esta verificação faz-nos lembrar a palavra *ánthropos*, com a qual os gregos designavam o ser humano. Ora, *ánthropos*, por sua origem etimológica, significa "aquele que olha para cima", "aquele que anseia sempre o mais alto".



Construção da Torre de Babel

Ainda na exemplificação dos legisladores primordiais, não podemos deixar de mencionar que para nós é da maior importância, mas cuja mensagem a civilização ocidental, até os dias atuais, de maneira geral, ainda se recusa a ouvir: Emanuel (3), o Cristo.

É curioso notar que muito embora o hebraico não pertença ao grupo de línguas indo-européias, a raiz M – N, também nesta, apresenta a mesma significação. Além do nome Emanuel, outros exemplos encontramos nos textos sagrados. Observe-se, por exemplo, o relato bíblico sobre o Maná, o Pão do Céu, que desceu para os judeus no deserto do Sinai, e que por quarenta anos lhes serviu de alimento, enquanto caminhavam à busca da Terra Prometida. A esse pão, "a casa de Israel deu o nome de **Man**" (4).

Nos dias atuais, esse Pão do Céu, no plano das realidades fatuais, deixou de ser mistério. Já desde o ano de 1.823, o botânico alemão G. Ehrenberg publicou o resultado de suas pesquisas no deserto do Sinai, no qual afirmou que o maná resultava de uma secreção das árvores e arbustos da tamargueira, quando picados por uma espécie de cochonilha característica do Sinai. Em 1.923, os botânicos Bodenheimer e Oskar Theodor, da Universidade hebraica de Jerusalém, depois de explorarem por vários meses os montes e os vales do Sinai, confirmaram as descobertas de Ehrenberg, havendo até trazido fotografias do maná. Atualmente o maná figura em qualquer lista de artigos de exportação da península do Sinai (5).

Entretanto, o que nos interessa neste estudo é saber qual a significação simbólica que Moysés atribuiu àquele alimento. Havendo dado o nome de **Man**, ele quis mostrar que esse Pão do Céu não era, para os seus seguidores à busca da Terra Prometida, um mero alimento físico, mas que lhes servia também para o fortalecimento da vontade, da inteligência, dos altos anseios do coração e, ainda, da capacidade de agir e de fazer.

Vontade, inteligência, emoção e ação são os quatro mundos que possuímos em nós, reproduzindo em nosso microcosmo os quatro mundos do macrocosmo, pelos quais tudo que existe se fez. Esses quatro mundos são denominados na Kabbala:

Aziluth, o mundo da emanação; corresponde ao "fogo";

Beriah, o mundo da criação; corresponde ao "ar";

Yetzirah, o mundo da formação; corresponde à "água";

Assiah, o mundo da ação; corresponde à "terra".

Voltaremos a dizer alguma coisa sobre esses quatro **mundos**, em momento oportuno. O que nesta altura nos interessa mostrar é a intenção de Moysés ao dar o nome de Maná ao alimento do deserto. No texto do Livro Deuteronômio, que é o quinto livro do Pentateuco, lemos o seguinte: "... recordar-te-ás de todo o caminho por onde o Senhor teu Deus te conduziu pelo deserto durante quarenta anos... afligiu-te com fome e deu-te por sustento o Maná... para te mostrar que o homem não vive só do grão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus" (6). E no Livro do Apocalipse, de João, embora não seja este um livro canônico dos judeus: "Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz...: Eu darei ao vencedor o Maná escondido" (7).

Quem será esse vencedor capaz de merecer o Maná escondido? Dentro do contexto em que o Maná foi dado aos judeus, vencedor é aquele que con-

seguiu se libertar da Terra da Servidão. Ora, no relato bíblico, Terra da Servidão era o Egito, país que para os hebreus se chamava Mizraim, e Mizraim tem uma significação pejorativa pois significa "o que é limitado", "o que é confinado".

É evidente que esse nome fora dado pelos judeus, não por causa das limitações geográficas do país, mas sim devido às terríveis e atrofiantes condições de vida a eles impostas pelos faraós, depois da expulsão dos hycsos, cerca de 1.560 a. C.

Eles, judeus, muito haviam prosperado desde sua chegada na terra do Nilo, em meados do século XIX a. C., quando o Egito já se encontrava sob o domínio dos reis hycsos. Jacó, seus doze filhos e mais toda a parentela, formando um grupo de 70 pessoas (8), haviam se instalado na região do Delta do Nilo, na terra de Gessem, região a mais fértil do Egito. E logo se tornaram senhores de vastos domínios, e chegaram a ocupar altas posições no governo. Eis que, por volta de 1.560 a. C., os faraós que se haviam refugiado no Sul do Egito, em Tebas, desceram o Nilo e lograram vencer os hycsos, rechassando-os do país.

Os novos senhores, faraós da XVIII dinastia, viam com maus olhos a crescente população dos judeus, que a esta altura não era mais apenas um grupo, mas se havia tornado um povo. O Êxodo relata que "levantou-se no Egito um novo rei que não conhecia José" (9). "Não conhecia José" significa que não quis mais saber do trato que, quatro séculos antes, fora feito pelo antigo governo com José, filho de Jacó. "Eis que o povo dos filhos de Israel é numeroso e mais forte que nós. Vinde, oprimamo-lo com astúcia, para que ele não se multiplique" (10); "portanto, estabeleceu sobre eles inspetores de obras, para os oprimirem com trabalhos penosos. Mas quanto mais os oprimiam, tanto mais se multiplicavam e cresciam... e o povo cresceu e se fortificou extraordinariamente" (11).

Essas penosas condições de vida mantiveram-se cada vez mais duras, até o Êxodo, isto é, até a saída do Egito. Foi essa a razão de se ter dado ao país o nome de Mizraim, e apelidado como Terra da Servidão.

Esse é o relato histórico dos fatos acontecidos. Agora vejamos, sobre esses fatos, a significação simbólica mais simples. Usamos aqui a expressão "mais simples" porque, assim como já foi dito pouco atrás, a significação simbólica dos mitos apresentam-se quase sempre em quatro planos diferentes, desde o mais simples e óbvio, ao mais profundo e oculto.

Antes de mais nada, vencedor é aquele que conseguiu libertar-se da Terra da Servidão. Ora, que significa "terra da servidão"? A Terra da Servidão é um estado de espírito, é uma atitude diante da vida, é uma maneira de ser. Caracteriza-se pelo hábito de se aceitar o condicionamento de se usar as mais altas faculdades, aquelas que são próprias do ser humano, para servir exclusivamente as dimensões mais baixas da personalidade. É ficar usando o intelecto somente para atender às necessidades básicas e ao bem estar do corpo, e também ficar usando as emoções da alma só para alimentar as sensações físicas. É ficar aceitando como válida a subversão dos valores humanos, o mais alto que em nós existe apenas servindo o menos alto. Com estas afirmações, diga-se logo bem claramente, de forma nenhuma se está sugerindo que as necessidades básicas e o bem estar do corpo não devam merecer cuidados. É evidente que sim. O erro consiste em usar o mais alto para servir sempre e somente o menos alto, e, com esse hábito, acabar escravizando as faculdades mais nobres aos interesses e caprichos dos impulsos menos nobres.

Ficar nessa forma de cativeiro é viver na Terra da Servidão.

Vencedor, antes de mais nada, é aquele que consegue libertar-se dessa Terra da Servidão, arrancar-se de Mizraim e ter partido, do Ocidente para o Oriente, à busca da Terra Prometida. Ir do Ocidente em direção ao Oriente significa procurar a fonte de Luz, o nascer do Sol.

Travessia do Mar Vermelho

Em seguida, vencedor é aquele que também conseguiu atravessar o Mar Vermelho, que simbolicamente é o mar de todas as provações. Além disso, ser vencedor é ter chegado do outro lado do Mar Vermelho e, em vez de uma terra onde correm arroios de mel e de leite, verificar de repente que na sua frente se estende um deserto imenso. Nesse momento, ser vencedor é não se deixar abater pelo desânimo ou mesmo pela revolta. Vencedor, além disso, é afundar-se pelo deserto a dentro (e deserto neste caso tem a significação simbólica de mergulho na solidão). Ven-

cedor, ainda, é aquele que daí por diante vai curtir sede e fome e toda a sorte de adversidades que os desertos infligem, e, mesmo assim, manter viva a certeza da Terra Prometida que espera por ele.

A esses vencedores foi prometido o Maná escondido.

Todas as suas vitórias até esse momento simplesmente vão servir de fundamento, de trampolim, para o desenvolvimento do verdadeiro Homem, nos quatro mundos interiores, a fim de poder chegar à Terra Prometida, onde correm arroios de mel e de leite. Para esse desenvolvimento é que o Maná há de servir como alimento.

Já se alimentando de Maná, vencedor é o que chega ao Monte Sinai, simbolizando sua própria montanha interior, e a galga até o cume. Lá do alto, ele vislumbra a terra por uma perspectiva inesperada e fascinante. Lá no alto, ele compreende de repente a significação do mundo e de sua própria vida.

Diga-se de passagem qual a diferença que existe entre explicar e compreender: **explicar** uma coisa é conhecê-la pelas causas eficiente, formal e material. **Compreender** é conhecê-la pela causa final, isto é, para quê a coisa existe. Então o vencedor, lá do alto da montanha, compreendendo o significado do mundo e de sua vida, significa ficar conhecendo para quê existe o mundo e para quê está ele vivendo. Com isto, por acréscimo, ele conhecerá também quais devem ser as diretrizes fundamentais de sua vida, isto é, terá recebido à sua maneira as Tábuas da Lei.

Pela narração bíblica do Êxodo, Moysés fez com que seu povo levasse quarenta anos para transpor uma faixa de terra que, em linha reta, terá no máximo 500 quilômetros. Ao longo desses quarenta anos foram morrendo aqueles que haviam saído do Egito, enquanto crianças iam nascendo. A não ser Josué, o único que havendo saído do Egito penetrou na terra de Canaã, somente uma nova geração é que logrou chegar à Terra Prometida. Uma nova geração de mentalidade, de anseios, de atitude e de coragem. É preciso largar nas areias do deserto todos os bens e valores que foram valores e bens na terra do Egito, como de fato aos poucos foram sendo largadas quantidades imensas de carroças e carroções carregados de tesouros. É preciso deixar morrer o antigo homem para que surja o Homem Novo.

Pelo conhecimento da doutrina e pelo permanente exercício da prática da Kabbala, podemos fazer em nossa vida a viagem relatada no Êxodo. A qualquer momento e em qualquer fase de nossa vida podemos estar de partida para essa extraordinária aventura do espírito. E, caminhando para o Nascer do Sol, vencendo todos os obstáculos, veremos que aos poucos nossos sentidos vão se apurando até o ponto de podermos ouvir o som das coisas, e com isso conhecer o seu nome verdadeiro e portanto, também, o seu número.

Ora, assim como já foi mencionado na segunda parte destas considerações, no nº 34 desta revista, lemos no Livro da Sabedoria "pela grandeza e formosura da criatura se pode visivelmente chegar ao conhecimento do Criador" (12). Ora, grandeza é número e formosura é nome. É claro que este texto refere-se ao nome verdadeiro e também ao número verdadeiro das coisas. Isaias, a certa altura de suas profecias, escreveu, como se fosse ditado por Deus: "todos os seres apelidados com Meu Nome..." (13). Portanto se infere que Ele, que não tem nome, o nome verdadeiro de todas as coisas é o Seu Nome.

– CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO –

NOTAS:

(1) – *Gênese*, X, 8 a 10.
(2) – *Gênese*, XI, 2 a 9.
(3) – *Emanuel*, ou Imanuel, em hebreu significa "Deus conosco". Isaias profetizou: "uma virgem conceberá e dará à luz um filho e seu nome será Emanuel". *Isaias*, VII, 14, e também *Mateus*, I, 22 e 23.
(4) – *Êxodo*, XVI, 4, 31 e 35.
(5) – V. Werner Keller – *E a Bíblia tinha razão*, trad. portuguesa, Ed. Melhoramentos. S. Paulo, 1.958.
(6) – *Deuteronômio*, VIII, 2 e 3.
(7) – *Apocalipse*, II, 17.
(8) – *Êxodo*, I, 5.
(9) – *Êxodo*, I, 8.
(10) – *Êxodo*, I, 9 e 10.
(11) – *Êxodo*, I, 11.
(12) – *Sabedoria* XIII, 5.
(13) – *Isaias*, XLIII, 7.

A Ressonância Cósmica da Música Indiana

A música clássica indiana pulsa no ritmo do Cosmos. O caminho do músico consiste no progressivo desvelamento da harmonia musical que rege o Universo. Música, Religião e Filosofia são conceitos inseparáveis na tradição cultural indiana.

Shiva e Sarasvati, a deusa da sabedoria, tocam a vina. Krishna, a flauta. *"Nada Brahma"*: Deus é Som. A divindade manifesta-se ao homem como uma seqüência sonora. Esta Música Celestial, conhecida pelos pitagóricos como "a música das esferas", é milenarmente denominada na Índia como *Gandharva* ou *Anahata Nad*.

Shiva, ao criar a dança e a arte dramática, revelou-nos também as leis e as escalas desta música metafísica.

Nas *Ragas*, estas milenares peças clássicas musicais, as notas articulam-se numa matemática cósmica e precisa como a de uma concha. Sua estrutura é espiral, girando sempre a sinuosa melodia ao redor do eixo-nota, tônica da *Raga*, que está sempre soando. Este eixo sonoro, centro desta mandala musical é o mantra "OM". A *Raga* possui três movimentos: *Alap*, lento e introspectivo, arrítmico e informe, onde a *Raga* começa a engendrar-se. *Jor*, quando o ritmo define-se e acelera-se, e o *Jhala*, muito rápido, êxtase sonoro.

A estrutura orgânica da *Raga* flui sutil e espiralada como o incenso, perfumando e levando as mentes a um estado de serenidade.

Cada *Raga* é associada às estações do ano, períodos do dia e elementos da natureza. Um indiano, ao ouvir a *Raga Kafi Holi*, lembrar-se-á decerto do Festival das Cores, que marca o início da primavera. A *Raga Bhairavi* trará em suas seqüências melódicas as imagens do amanhecer. Nesta *Raga*, o *Alap* representa o brumoso fim da madrugada, quando em meio ao gorgeio dos pássaros vislumbram-se os primeiros fulgores da manhã. Com o luminoso raiar do sol inicia-se o *Jor*, e o *Jhala* na claridade total.

"Pensa como a chuva que cai do céu; pensa como as ondas que deslizam no mar; pensa como as estrelas que iluminam o firmamento; pensa como a verde folhagem que brota sob o vento da primavera."

Estas frases de Daisetz Teitaro Suzuki ilustram com precisão o suave estado de consciência experimentado pelo músico indiano. Ao executar a *Raga Kanada*, um citarista deverá imaginar um lotus flutuando nas tranqüilas águas dum lago, sendo suavemente acariciado pela brisa. A melodia somente soará tênue e fluida se a mente do executante estiver devidamente calma e centrada. Envolvido e inspirado pela energia cósmica, o músico impregnará com estas forças o seu trabalho, irradiando a todos este *prana*.

"vento de outono
no luminoso lotus
a minha moradia."
Kasho

O centro flamejante da *Raga* é o mantra "OM". A consciência deste centro é fundamental para o músico. Como nos cantos gregorianos, as escalas das *Ragas* possuem sempre um centro tonal. Esta nota tônica que soa de maneira contínua, jamais entra em desarmonia com as notas da escala. O uno ressoa com a multiplicidade.

"gota de orvalho
ao sol da manhã
precioso diamante."

A estrutura da *Raga* é semelhante à forma da pinha do pinheiro. A nota tônica é o eixo e a sinuosa melodia, o espiral que, em ascenção, acelera-se, aproximando-se progressivamente do eixo, até que em certo momento o toca num instante de fusão.

Na Índia, os instrumentos de corda pertencem a Sarasvati, deusa da Sabedoria, que os empresta aos homens. Um músico, para receber este direito, deverá passar pelo ritual de iniciação denominado *Ganda*. Esta palavra significa, em sânscrito, "fio", que tem um sentido físico, pois o iniciado recebe uma linha vermelho-alaranjada que é amarrada em seu pulso direito, como também um sentido metafórico, pois este fio vem unindo as gerações de músicos há mais de seis mil anos. De mestre para discípulo, esta música cósmica mantém-se inalterada. O iniciante, então, por sete anos, aprenderá os segredos desta arte milenar. Deverá isolar-se e praticar as escalas de preferência próximo aos elementos da natureza. Tocará a *Raga Sagara* (mar, em sânscrito) na beira da praia, ouvirá os rios e a ventania.

"vento de outono
a silenciosa colina
muda me responde"
Bashô

Yektar

Cítara

A música clássica indiana, sendo uma arte esotérica, foi durante os séculos sendo transmitida pela tradição oral, inexistindo praticamente livros sobre o assunto. Até cerca de trinta anos atrás, um mestre apenas poderia passar este ensinamento secreto a um descendente direto, afilhado, ou aos filhos de um nobre do qual estivesse a serviço.

No início do século passado, um renomado tocador de sitar, Omrao Khan, recebeu a visita de um jovem que, entusiasmado, queria aprender a arte deste instrumento. O velho mestre elogiou sua boa vontade, porém como ele não era seu filho, afilhado, e muito menos nobre filho de um mecenas, nada poderia ensinar-lhe. Penalizado, Omrao Khan não pôde agir de outra maneira, pois ficaria mal visto dentro da ortodoxia de seu tempo. Mas o jovem, com sua perseverança indiana, sentou-se à sua porta e por semanas ali permaneceu imóvel em greve de fome. O mestre então, para solucionar este terrível impasse, inventou um novo instrumento semelhante ao sitar, e, por ser inédito, poderia ser ensinado a quem quisesse. Este instrumento de som solene e grave foi denominado *surbahar*, e hoje é um dos instrumentos mais tocados na Índia.

Atualmente esta tradição de restringir sob certas condições o ensinamento não existe mais. Se por um lado isso acabou com a "tirania dos velhos *Ustads*" e possibilitou a todos, inclusive aos ocidentais, este conhecimento milenar, gerou também problemas – nos Estados Unidos editou-se recentemente um manual com o seguinte título: *Aprenda Sitar sem Mestre em 10 Lições.*

Passados os sete anos de estudo, o instrumentista estará pronto para seu primeiro recital. É indescritível a magia que envolve um recital de sitar: no chão, sobre o tapete, estão os instrumentos – uma tambura, a tabla e o sitar. Entram os músicos vestidos de branco. Saúdam o público e acendem-se os incensos. O citarista anuncia a *Raga Bilaval*, uma *Raga* da manhã. Em concentração profunda, estado de *samadhi*, os músicos começam a tocar a solene melodia que a todos envolve com suas cores e perfumes.

Ranjayati iti Ragah, em sânscrito: "A *Raga* colore os espíritos". Ao afinarmos identicamente dois violinos, poderemos notar que, tocando as cordas de um, o outro vibrará por um princípio físico denominado ressonância. O sitar (cítara indiana) possui sete cordas principais e outras de ressonância que vibram com a pulsação das primeiras.

Vibrando os planos celestiais, vibrará a terra se estiver afinada. O Grande Caminho do músico é antes de tudo afinar sua mente para que possa ressoar com este luminoso firmamento sonoro.

Na cidade de Jaipur, na Índia, encontra-se o Palácio dos Ventos, cujas centenas de janelinhas, geometricamente dispostas, reverberam o som da ventania que ao ressoar nas amplas abóbadas emitem uma inesquecível melodia.

ekoando
o ecoar do *Koan* [1]

Platão revela-nos no *Timeu* que a Filosofia articula os conceitos como a música harmoniza os sons. A música é em sua essência a arte do equilíbrio. No *Filebo*, este filósofo nos ensina que qualquer músico sabe que, pela lei da oitava, o agudo iguala-se ao grave.

A música celestial transmuta-se em impulsos sonoros físicos através da mediação do executante.

Alguns *Ustads* indianos (Grandes Mestres Músicos) iniciam um recital afinando seu instrumento com a "Música Cósmica" (*Anahata Nad*) captada por suas mentes, e começam a executar o contraponto. Ouvimos a parte física do som (*Ahata Nad*) com nossos ouvidos, porém alguns na platéia, imersos, desfrutam extasiados o profundo diálogo.

Shiva ao criar a música criou simultaneamente a dança e a arte dramática. Ao manifestar-se sob a forma de Nataradja, ele dança, representando com seus movimentos a energia do universo, movendo-se musicalmente. Na forma de Vinadhara, esta divindade manifesta-se tocando um instrumento de cordas, a vina. Existem esculturas representando estas duas manifestações combinadas, mostrando que é impossível a dança sem música.

No *Mahabharata* estão codificadas as leis que regem estas três artes irmãs. Sob o nome de *Rasa*, que em sânscrito significa "emoção e seiva", nove tipos de sentimentos podem sintetizar todas as formas de comportamento humano:

1) *Shingara* – Sentimento de amor
2) *Hasya* – Sentimento de humor
3) *Karuna* – Sentimento de tristeza e nostalgia
4) *Rudra* – Sentimento de cólera
5) *Vira* – Sentimento de bravura e heroísmo
6) *Bhaianak* – Sentimento de medo e terror
7) *Vibhatsa* – Sentimento de irritação e desgosto
8) *Adbhuta* – Sentimento de felicidade e intensa alegria
9) *Shanta* – Sentimento de paz e tranqüilidade.

Alguns autores, modernamente, acrescentam um décimo *Rasa*, o *Bhakti* – sentimento de devoção, que seria uma combinação dos *Rasas Adbhuta* e *Shanta*.

Dança de Shiva

Cada *Raga* possui um *Rasa* predominante, assim como também uma cor. Dizemos que a *Raga* tem cor, assim como podemos intuir que a Sexta Sinfonia de Beethoven, a *Pastoral*, seria verde, e a Quinta Sinfonia seria amarela, laranja e vermelha.

A noção de *Rasa* é muito importante pois a música indiana é tocada com o coração. É este sentimento profundo que faz o músico imergir na essência da música. Todos os mestres indianos são unânimes num ponto: não se ensina a *Raga*, ela lentamente desvela-se ao músico. O mestre poderá ensinar as escalas, a técnica de execução, porém a essência da *Raga* deverá ser encontrada pelo próprio estudante. Quanto mais sua mente se purificar, mais transparente e focalizada sairá sua música.

Certa vez perguntaram a Mozart o que era a música. Ele calmamente respondeu: "Vocês estão falando com ela!" Porém esta fusão somente é alcançada nos estágios onde todas as dificuldades técnicas de execução foram abolidas e o músico pode movimentar-se através do universo sonoro como um peixe na água.

"num grão de areia ver um mundo
na flor silvestre a celeste amplidão
segura o infinito em sua mão
e a eternidade num segundo"

William Blake

Embora a música clássica indiana possua um sistema de notação musical mais perfeito que o ocidental, pois inclui até os quartos de tom, a música não é escrita.

No Oriente existe um provérbio que diz que a linguagem escrita é como a observação do firmamento através de um tubo de bambu. A escrita, por melhor que seja, sempre é redutora. Porém este não é

o motivo principal: um músico tocando em *samadhi*, estado de concentração profunda, é incapaz de ater-se a uma partitura. Esta atenção o impossibilitaria de atingir este estado de consciência.

"Enquanto o Ocidente aspira a medida, o Oriente aspira a vaga amplidão." Esta frase lapidar de Yeats exprime com perfeição a postura da música clássica indiana. Enquanto um escultor renascentista está preocupado fundamentalmente com o rigor das proporções, um escultor budista detém-se mais na expressão serena de Buda do que nas proporções corretas da estátua. Um citarista estará decerto mais concentrado em exprimir musicalmente o lotus flutuando sob a leve brisa, do que no tempo de duração da peça ou no rigor dos compassos.

A *Raga* é sempre nova a cada vez que é tocada. Embora possua sempre a mesma escala, o músico poderá movimentar-se livremente pelos traçados do tabuleiro, porém com uma precisão que os ouvintes sempre a reconhecerão.

"as ondas sempre diferentes
do milenar Ganges
sempre o mesmo"

A tradição não é vista como algo pesado e rancoroso, mas como aquilo que sempre se recria. A eterna leveza e atividade lúdica da criança. E é através desta fluida atividade lúdica que o músico entra em ressonância com a Música Celestial.

"Da mesma forma que os coribantes não articulam conscientemente seus passos e saltos sob a febre da dança, assim também se movimentam os poetas líricos, que somente engendram suas mais belas poesias quando a potência da harmonia e do ritmo descende sobre eles."[2]

Na antiga Grécia, um dos poucos dados que temos sobre os Mistérios de Eleusis, é que estes rituais eram também denominados *Iacco*, que significa ressonância, nome também utilizado para denominar o cântico da procissão da "luz de Eleusis".

"a ressonância de viver
atinge todos os graus
do diapasão"
Antonin Artaud

"o céu e o mar se ajustam
juntos para formar
uma espécie de guitarra"
Audiberti

O sistema de notação indiano possui vinte e duas divisões: sete notas principais que são grafadas com letras: *Sa, Ri, Ga, Ma, Pa, Dha, Ni*. Cinco semitons (*Sudha* – Bemol), (*Tivra* – Sustenido) e dez quartos de tom, frações ínfimas quase imperceptíveis de nota, denominados *Shrutis*.

Através do princípio de ressonância, as notas são associadas aos *chakras*, às cores e ao canto dos pássaros. *Sa* (o Dó ocidental) vibra na freqüência do canto do pavão. *Ma* (o Fá ocidental) vibra na do canto da garça e o *Pa* (o Sol ocidental) na do canto do cuco.

É impressionante o número de pássaros que afloram e começam a cantar ao ouvirem a vibração das cordas de um sitar em meio à floresta.

"Escuta o beija-flor que a Canção da Primavera entoa
E a suave cotovia, no tenro ramo pousada
Que na aurora sibilante surge sobre os ondulantes trigais
Regendo os refulgentes corais do sol: trina, trina, trina
Deslizando nas asas da luz
Ecoando através do Azul Imenso da Concha Celestial"
William Blake

Narada, o legendário sábio da mitologia indiana, convencido de seu virtuosismo e completo conhecimento musical, orgulhava-se de ser o maior e mais renomado músico de seu tempo. Vishnu, cansado de ver tanto convencimento e arrogância, chamou-o e, mostrando-lhe um grupo de aleijados, disse-lhe: "Vês estes seres? São os espíritos das *Ragas*, e estão chorando pois você os mutilou com sua maneira rústica e imperfeita de tocar; somente recuperarão seus membros à medida em que aperfeiçoar sua técnica musical." Narada então entendeu, envergonhado, que não existe motivo para o orgulho, pois quanto melhor for o músico, mais livremente sua música fluirá como uma gota, neste imenso oceano da Música Celestial. Desde então, os princípios que regem e orientam o caminho dos músicos indianos são: *Vinaya*, a humildade e a perseverança.

ALBERTO MARSICANO

NOTAS

1. *Koan*: aforismo Zen Budista que visa, através de uma pequena frase enigmática formulada com uma linguagem desconcertante, despertar um nível mais profundo de consciência.
2. Nietzsche, *A cultura dos gregos*.

Diálogo entre a atual Física e a Filosofia Cristã

Dentre todos os fenômenos culturais que determinam os caminhos de uma civilização, o senso comum ocupa um lugar de destaque graças à sua inesgotável capacidade para estabelecer as fronteiras do pensamento de um povo, pois ele age diretamente sobre o centro nervoso da compreensão que cada homem tem de si próprio e do universo de fatos e objetos que o contorna.

Todavia, inúmeras são as constatações de que a conformação imposta pelo senso comum à visão que temos do mundo pode vir a destroçar fecundas possibilidades de uma aproximação entre espíritos criadores ainda em sua fase gestativa.

Desde há muito vimos sentindo os efeitos cataclismáticos de um destes estereótipos profundamente inibidores. Trata-se do preconceito de que a ciência contemporânea e a filosofia cristã nada têm para dialogar. Afinal – dedo em riste, aponta o senso comum-aquela estuda os fenômenos da natureza que são diretamente acessíveis aos cinco sentidos humanos e que podem ser quantizáveis de modo a estabelecer relações de causa e efeito entre os ditos fenômenos; esta concentra a atenção sobre o conceito de Deus, o mundo dos espíritos, a questão do livre-arbítrio, a definição de alma, a semelhança humana com Deus... Enquanto a linguagem de uma é eminentemente impessoal, sujeita a uma única interpretação, a linguagem da outra é muitas vezes simbólica e portanto não chega a ter o mesmo significado para todos.

Felizmente a sapiência da história nos protege. Ela jamais permitiu que faltassem livres pensadores dispostos a descobrir, com o trabalho robusto e sistemático de suas mentes, novas rotas no oceano da inteligência humana. Alguns deles reuniram-se para constituir o 15º COLÓQUIO FILOSÓFICO INTERNACIONAL, realizado no campus da PUC/RJ entre os dias 23 e 29 de julho último. O colóquio foi organizado pelo Conjunto de Pesquisa Filosófica (CONPEFIL)* e pela Associação Católica Interamericana de Filosofia (ACIF).

A reunião foi norteada pelo nobre objetivo assim expresso: contribuir – através de um diálogo aberto e ordenado entre físicos e filósofos, na forma de uma investigação científica – para conhecer melhor, atualizar e revigorar a filosofia cristã, estimulando o seu serviço positivo-construtivo na promoção da cultura em todas as suas dimensões e na solução dos graves problemas humanos da atualidade, bem como ressaltar a exigência de uma crítica objetiva das ideologias.

É importante relatar que o colóquio foi dividido em dois períodos de três dias cada, sendo o primeiro destinado às comunicações dos físicos, e o segundo dedicado às comunicações dos filósofos. O período dos físicos teve a participação de oito pesquisadores de vários países, que informaram sobre as conquistas mais recentes e originais no campo da física, sempre com a preocupação de evidenciar a respectiva problemática filosófica. O período dos filósofos cristãos teve por meta ampliar a reflexão sobre a problemática filosófica proposta pelos físicos, que foi examinada sob a ótica gnoseológica, metafísica, ética e cristã; deste período participaram oito filósofos.

A investigação solidária foi completada pelas análises de quatro grupos de estudos:

a) Grupo de Gnosiologia – presidido pelo Prof. Gerardo Dantas Barreto, da UFRJ

b) Grupo de Filosofia da Natureza – presidido pelo Prof. P. Pedro M. Guimarães Ferreira S. I., da PUC/RJ

c) Grupo de Teologia Natural – presidido pelo Prof. P. Battista Mondin, da Urbaniana de Roma

d) Grupo de Axiologia – presidido pelo Prof. Jesús González López, da PUC de Quito, Equador

Certamente é impossível resumir aqui as mais de quatrocentas páginas datilografadas que compuseram os anais do colóquio. O máximo que podemos fazer no momento é listar os títulos das comunicações, o nome de seus relatores e tecer algumas considerações genéricas sobre as conclusões formuladas.

Período dos físicos

– Ciências Atuais e a Paz dos Povos – Prof. Carlos Chagas, da UFRJ e Presidente da Pontifícia Academia do Vaticano

– Informática e Física – Prof. Carlos José Pereira de Lucena, da PUC/RJ

– Determinismo, Indeterminismo e Causalidade – Prof. Evandro Agazzi, da Universidade de Friburgo, Suíça, Secretário Geral da Federação Internacional de Sociedades de Filosofia (FISP)

– Visão Física do Universo – Prof. Giovanni Maria Prosperi, da Universidade de Milano, Itália

– Paz, Corrida Armamentista e Desarmamento Nuclear – Prof. Samuel Wallace MacDowell, da Universidade de Yale, EUA

– Problemas e Soluções na Cosmologia da Teoria do "Big Bang" – Prof. P. Willian R. Stoeger S. I., da Specola Vaticana

– Radiações e Meio Ambiente – Prof. P. Thomas L. Cullen S. I., da PUC/RJ

– A Importância do Trabalho da Física na América Latina – Prof. Mario José Garavaglia, Diretor do Centro de Investigações Óticas

Período dos filósofos

– A Física Atual e a Filosofia Natural Cristã – Dom Octávio N. Derisi, Argentina

– Filosofia da Física Contemporânea – Agustín Basave Fernández Del Valle, Reitor Magnífico da Universidade Regiomontana, México

– Contribuições da Física Moderna para a Teologia Natural – Prof. Evandro Agazzi

– As "Cinco Vias" de São Tomás de Aquino perante a Física Contemporânea – Prof. P. Battista Mondin, Itália

– A Física Atual e o Pensamento Filosófico Oriental – Prof. P. Ismael Quiles, da Universidade de El Salvador, Buenos Aires, Argentina

– A Física Contemporânea em face da Lei Moral Natural – Prof. P. Thomas L. Cullen S. I., da PUC/RJ

– Cosmo e a Sagrada Escritura – Prof. P. João Evangelista M. Terra S. I., Teólogo do CELAM, Brasil

– O Progresso da Física Atual como Exigência do Progresso Ético Cristão – Prof. Alberto Caturelli, da Universidade de Córdoba, Argentina

Segundo o Padre Stanislavs Ladusãns – Presidente do Colóquio – "o diálogo do filósofo cristão com a Física atual concorre para o lema do Papa-Filósofo Leão XIII: aumentar e aperfeiçoar o antigo pelo novo". Entendemos que este seja (ou deveria ser) o lema de todo sistema de idéias que reclama a si a categoria de filosófico.

De fato, é redundante lembrar que o nosso pensamento ainda não conseguiu alcançar a filosofia concluída e perfeita, logo, única e definitiva. É de uma evidência solar que tudo o que conquistamos neste solo é suscetível de contradições, falhas e contraposições. O erro é uma constante sempre presente, contudo, quando o identificamos, ele se transforma num remédio eficiente (em que pese o amargor de seu sabor) na profilaxia da prepotência e da arrogância que sempre estamos arriscados a contrair ao supervalorizarmos os progressos logrados; estas duas doenças do espírito são os verdadeiros empecilhos ao esforço para lapidar, através da incansável reavaliação, as proposições, os conceitos e os argumentos elaborados anteriormente.

A Física deste século coloca à disposição das mentes com vocação filosófica um tesouro magnífico, e reclama um reencontro entre Filosofia e Ciência, cujo processo de divórcio deu entrada em 1.633 com o julgamento de Galileu Galilei. A inevitabilidade desta reaproximação está tão patente que Adolfo Marnack, numa de suas aulas em Berlim, não conteve o impulso intempestivo e declarou: "O mundo se queixa de que nossa geração carece de filósofos. Isto é injusto: o que acontece é que os filósofos de hoje se encontram noutro compartimento, seus nomes são Plank e Einstein." Como ele, vários cientistas e filósofos identificam no questionamento científico sobre a constituição do Universo e as leis primordiais da origem da vida os problemas manipulados pelos primeiros filósofos gregos.

Adicionalmente, o estágio atual de conhecimento científico colocou o cientista diante de várias perguntas que sua arte não pode resolver; entre elas: Será que os resultados a que cheguei são a essência do objeto ao qual dediquei minhas pesquisas, ou elas não passarão de reflexo do meu próprio pensamento? (Teilhard de Chardin) O procedimento epistemológico que utilizo está correto? Qual "processo de descoberta" (método heurístico) devo empregar? Como devo me comportar, enquanto cientista e enquanto homem, diante do poder do conhecimento – às vezes terrivelmente destruidor – que produzo?

Como podemos vislumbrar, os pontos de contato entre a Física e a Filosofia tendem a se multiplicar sempre mais, como uma cultura de bactérias nas condições adequadas. As co-responsabilidades entre filósofos e cientistas são portanto cada dia maiores e inequívocas.

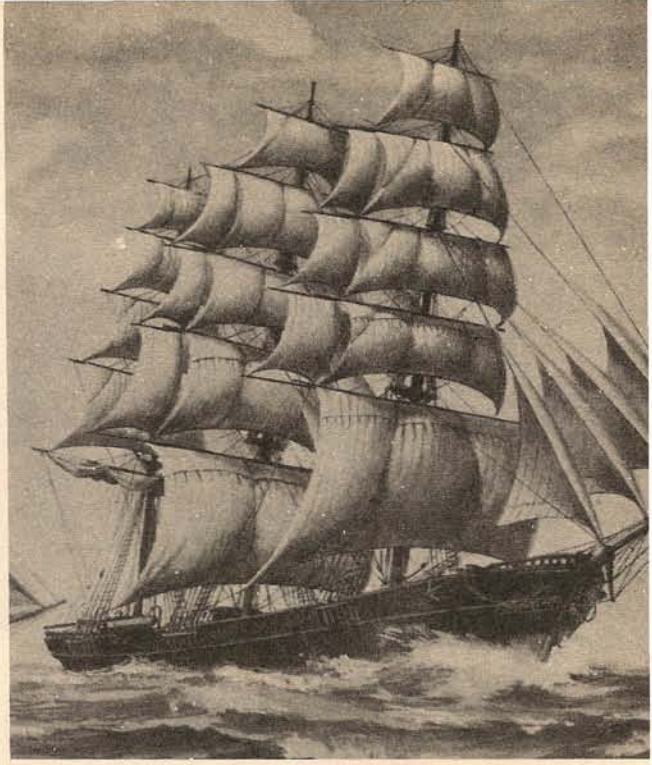
Ao fim daquela semana, literalmente preenchida por um diálogo onde nem sempre as opiniões coincidiram – como era de se esperar num evento desta magnitude, mas que foi seguramente conduzido pela concordância de vontades em aproximar a Filosofia Cristã da Física – palpitou em nossos corações, com toda a sua atroante beleza inspiradora, as palavras de Von Braun: "O erro de alguns que procuram a fé é pensar que, para alcançá-la, devem ter resolvido todas as objeções. A fé não suprime a busca. Com toda a ciência do mundo, temos necessidade de crer em Deus, desde o momento em que a fé em nós mesmos alcançou seu limite extremo. O homem precisa da fé, como necessita de pão, de água, de atmosfera."

É certo que o diálogo entre a Física e a Filosofia Cristã está engatinhando. O 15º Colóquio Filosófico foi um primeiro passo, mas, como nos ensina um aforismo grego, "o primeiro passo leva-nos imediatamente até metade do caminho a percorrer."

GEORGE BARCAT

* O CONPEFIL está sediado na Rua Marquês de São Vicente, 293 – Gávea, Rio de Janeiro, e seu diretor é o Prof. Dr. P. Stanislavs Ladusãns S.I.

COM AS VELAS, E NÃO COM OS VENTOS



Subi, certa manhã de primavera, a uma das colinas do Líbano, e lá me quedei a contemplar e meditar... Pois a primavera é, como a juventude, feita de sonhos e de esperanças.

Aos meus pés, quieto e silencioso, estendia-se o Mediterrâneo, de águas tão azuis que parecia uma lâmina de safira. Os raios solares se refletiam nele e separavam suas cores em branco, azul e verde.

Depois, levantou-se uma brisa leve e cariciosa, e insuflou as velas de dois barcos, que começaram a deslizar sobre a água, mas em direções opostas.

O mesmo vento que sopra do oeste para o leste impele um navio para o norte e outro para o sul...

É a força do homem, esta criatura criadora que subjugou o mar e disciplinou as correntes, e consegue mover-se com as velas, e não com os ventos.

Passaram-se os anos. O destino levou-me a mais de um campo de atividade: ciência, medicina, política, vida parlamentar e social, imprensa, diplomacia. Em cada um desses campos, encontrava-me repetidamente numa situação delicada, solicitado por duas tendências, disputado por duas forças.

A primeira: Deixar-me levar pela corrente, navegar com os ventos. É o caminho mais fácil e mais seguro.

A segunda: Resistir à corrente, navegar contra os ventos, apesar dos esforços que esta luta requer, e do que ela atrai de críticas, sacrifícios e perseguições.

Todas as vezes que escolhia o caminho mais fácil e me deixava levar, por fraqueza, com a corrente geral, mesmo quando ela se afastava da verdade e da justiça; todas as vezes que navegava com os ventos, mesmo que me impelissem contra meus princípios e minhas convicções, saía sempre perdendo, e me arrependia quando o arrependimento não adiantava mais.

E todas as vezes que me opunha aos ventos dominantes e me movia com os remos da verdade e as velas da razão, saía no fim ganhando e colhia os frutos da minha luta em paz de consciência e alegria de alma, que são os fundamentos eternos da felicidade humana.

Minha doutrina na vida é que a força que impele o homem no caminho do sucesso e da realização é a força dos valores espirituais: a fé, a coragem, a retidão, a lealdade, a perseverança.

Que o homem se guie pela luz desses valores, que siga o caminho dessas verdades com firmeza e convicção! E que os ventos soprem para onde quiserem! E que as correntes se dirijam para onde quiserem! A vitória final será da verdade e do bem.

RAIF ABILLAMAH

O MITO e o SÍMBOLO

no Ciclo do Graal

A Idade Média, sem dúvida, tem como pedra de toque o símbolo e o mito. O símbolo foi para o homem medieval a escada de Jacó que o ligava ao céu e excelente ferramenta para a exploração da alma, alicerce de uma sociedade na qual, apesar de erros e extravios, os homens se colocavam harmoniosamente em ordem hierárquica, onde o divino ocupava o ápice.

Deus era o primeiro a ser servido, o rei era consagrado a Ele, o cavaleiro recebia a bênção divina no momento da sagração, o camponês guardava-lhe a melhor porção na festa do Natal.

Entre o século XX e a Idade Média uma muralha se levanta, pois os princípios fundamentais que regem os julgamentos sobre o homem diferem profundamente. Hoje a economia atua sobre todos os setores da atividade humana, um homem se coloca na hierarquia social conforme seu grau de rentabilidade, critério que teve seus primórdios nos anos do século XIV com Felipe, o Belo...

Como se entender, vivendo-se em fins do século XX, a alma medieval, profundamente simbólica?

Os antigos sempre viram no símbolo a antena captadora dos mais misteriosos aspectos da vida. É o símbolo que dá às obras medievais essa gama infinita de matizes que nos surpreendem e fascinam. O símbolo palpita nos textos cavaleirescos, nos edifícios, nas esculturas, nas catedrais. Chartres, Notre Dame de Paris, Reims, Arthur, Lancelote, Galaaz, Merlin, são mágicas vozes que não nos levam para as trevas, mas para um secreto jardim, onde poderemos plantar as árvores do Paraíso.

A razão não apreende o símbolo porque ele não é chave ou fórmula que se possua ou se aprenda de cor. A Idade Média admitia sem reservas o Mistério e não se propunha colocá-lo nos limites da lógica, pois admitia o símbolo aceitando a parte de Mistério que há em cada ser vivo.

Leremos mil vezes um texto cavaleiresco medieval e mil vezes nos surpreenderão novos significados; o símbolo nos leva a uma realidade impossível de ser atingida por outro caminho.

O peregrino que vagueava pelas catedrais lia, como em um grande livro, o sentido dos símbolos. Aqui, dois cavaleiros lutando faziam-no refletir sobre sua própria luta interior diária, da qual deveria sair vencedor em cada aurora; além, uma bela figura da fênix lembrava-lhe do renascimento espiritual. Tudo porque os capitéis, as narrações, não eram artifícios de estilo, convenções intelectuais, mas evocação

de múltiplos estados de alma. Não era necessário um guia para entender o livro das catedrais; o peregrino mesmo compunha um próprio, num rico diálogo com os símbolos.

O símbolo converte a realidade mais prosaica em fulgurante aventura espiritual. Cabe a cada homem adquirir a percepção do mistério colocado em seu caminho, seja ele expresso como templo, texto, ser ou escultura. A natureza diz sob formas concretas as intenções divinas e pode nos levar a descobrir quem somos e para onde vamos, e só o símbolo é a chave para se apreender essas intenções, pois une o objeto com o significado espiritual que há no fundo da matéria. Através do símbolo os mundos se intercomunicam; passa-se do plano material para o espiritual, provando-se que em tudo reina a Unidade.

O símbolo é indecifrável para quem não possui consciência da realidade interior, não desenvolve a capacidade de percepção do mistério. Como os belos vitrais dos templos góticos, ele é sinfonia de sombras e luzes. E como cada ser capta o símbolo e o divino de forma diversa, a cada momento se percebe novo sentido em cada símbolo.

Nos textos cavalheirescos medievais há mágicos que passam através de grossas muralhas, não conhecem fronteiras entre o visível e o invisível. São o protótipo do homem que a Idade Média visava modelar: o homem transparente que não era obstáculo para a luz divina, geômetra conhecedor e dominador de todas as superfícies, raios e centros.

Os antigos transformavam em rituais simbólicos suas mais simples atividades diárias. As semeaduras e colheitas eram marcadas com rituais importantes na vida do camponês: os torneios, a iniciação, grifavam a vida cavalheiresca.

O artista não via em uma escultura um belo objeto apenas, mas princípio espiritual envolvido por roupagem material: aprendera, muito antes que Einstein, que espírito e matéria se interpenetram; ele via tudo de forma profunda, usando instinto, razão e intuição.

As teorias intelectuais só são acessíveis a uns poucos, o símbolo – parte de nosso mistério interior, pode ser o bem de cada homem que, percebendo seu universo interno, recorrerá ao símbolo para repartir sua experiência.

A vida é um jogo onde o ser humano enfrenta o Universo e a Natureza; a regra de ouro para esse enfrentamento é o símbolo. O jogo dos símbolos é a origem da vida; neles há a linguagem universal que permite aos jogadores estabelecer relações entre tudo o que existe.

Na Idade Média a espiritualidade era tão indispensável, como hoje a produção econômica, e o símbolo funcionava como instrumento para a autocompreensão e o entendimento do mundo. Através dos símbolos o homem descobre que ele mesmo é o símbolo de uma realidade imortal, e, jubiloso, sentirá que é pedra de uma catedral que se edifica até o final dos tempos.

Por acaso, os homens não se destroem hoje em guerras e competições porque perderam o sentido real criador de palavras como Deus, Verdade, Símbolo, Conhecimento?

Os símbolos, hoje agredidos, combatidos, permanecem, entretanto, indestrutíveis. Lembram o grande rei Arthur, ferido de morte, jazendo sobre um leito de ouro em Avalon, esperando a mão que o erguerá e fará reviver um mundo pobre e sem cor.

O simbolismo não é propriedade do erudito, é o pão diário, que não se acha na biblioteca ou no pergaminho antigo, mas na natureza e dentro de nós.

A entrada do mundo do símbolo exige humildade e ausência de dogmatismo na interpretação da obra de arte. Uma das missões do símbolo é levar a uma humildade alegre, ponte entre o homem natural e o consumado. O símbolo é mão estendida para a conquista de um universo cuja face luminosa está fortemente velada.

Este magnífico cálice recorda o Santo Graal, símbolo e meta suprema do cavaleiro.

As teorias murcharam, as ideologias morreram, as intrigas palacianas desapareceram, os gemidos dos feridos nas guerras fratricidas, os suspiros dos combatentes nas guerras amorosas foram esquecidos, mas as catedrais góticas são presença ainda de paz. Arthur, Lancelote, Galaaz, Tristão, estão tão vivos hoje como quando viviam, é só chamá-los através dos séculos para que nos respondam. Os textos medievais, onde a busca do Graal é tema central, possuem mais fatos simbólicos que históricos, não são narrações literais de um acontecimento, mas história do homem eterno, sua força e fraqueza, sua busca de perfeição. É a história de cada homem; a roupa moderna substitui a armadura, a cota de malhas; o homem é o mesmo que se interroga sobre o verdadeiro sentido da vida. As histórias tentam ser respostas aos homens através dos infinitos significados dos símbolos. Tudo pode ser símbolo, desde uma pedra até o Cristo, símbolo do milagre da encarnação divina no homem.

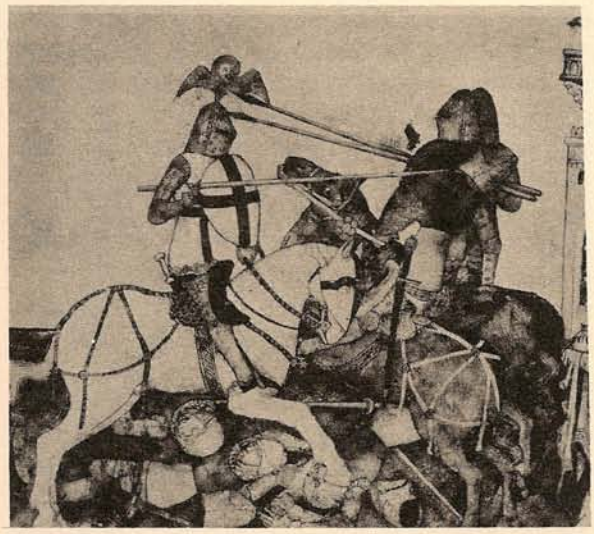
O símbolo revela uma realidade sagrada ou cosmológica que nenhuma outra manifestação revela. Muitas vezes o sentido permanece latente através dos séculos. Assim, na mitologia clássica, Iris tirava com uma taça de ouro a àgua do Stiges para o juramento dos deuses; os antigos consideravam a raça do Arco (Arco-Iris), a raça nórdica ou ártica, como a raça primeira; Hiperbórea era a pátria dessa raça de homens da luz e Thule sua capital. Platão, no *Timeu* explica as libações religiosas da Atlântida, onde os dez reis começavam as reuniões sacrificando um touro, do qual o sangue, o símbolo de vida e renovação, sacralizava a taça de ouro. Esta taça irá para o Oriente com os ários (India), regressará ao Ocidente com os druídas (celtas), e chegará às mãos de Cristo (Última Ceia) e, finalmente, de José de Arimatéia; chegará às mãos dos cátaros com o duplo simbolismo de vaso do conhecimento e taça do sangue puro. Essa é a trajetória do Graal, em busca do qual se colocará Arthur e seus cavaleiros.

Wagner ressuscitará no prelúdio de *Lohengrin*, com harmonias quase celestiais, o mundo do Graal. Ao iniciado, imerso na oração, rodeado por anjos e cavalheiros, é confiada a Taça do Graal; finalmente o vaso sagrado estava nas mãos de um puro!

O Graal liga-se sempre ao profundo simbolismo da espada, a perda dele é a perda da Tradição, é o nascer do empobrecimento espiritual, símbolo do Conhecimento perdido.

O mito é a narração de um acontecimento exemplar, é um precedente, não só em relação às ações sagradas ou profanas do homem, como em relação à sua própria condição. O que outrora os deuses e seres míticos fizeram é exemplo para o homem.

O mito revela ao homem uma região inacessível à experiência lógica, e expressa de forma plástica e dramática aquilo que a metafísica e a teologia definem dialeticamente.



Galaad, que leva um anjo guardião no elmo, luta contra os sete pecados capitais, personificados por cavaleiros belicosos, para conseguir as sete virtudes.

Muitas vezes o mito é projeção fantástica de um acontecimento natural; assim, o mito da vegetação é valorização de um fato cósmico natural; o aparecer e morrer da vegetação sempre foram sentidos como sinal da criação periódica do cosmos.

Os mitos sobre as dificuldades dos heróis na busca do Graal são arquétipos dos ritos de iniciação. A busca revela, sob forma dramática, o ato pelo qual o espírito supera um mundo condicionado e fragmentário para achar a unidade fundamental anterior à criação. Assim o mito tem sua lógica e coerência e é então verdadeiro em vários planos. Ele reintegra o homem numa época atemporal, auroral, paradisíaca, super-histórica. O mito seria a inata tendência humana de realizar concretamente um arquétipo ideal para viver a eternidade nesta realidade. O mito pode se degradar em lenda épica, balada, romance ou superstições, mas não perde sua estrutura e valor.

O mito hoje se manifesta nas histórias do cinema e televisão, nos romances policiais, nos contos infantis, nas histórias de ficção científica, onde os galãs, os detetives, as jovens indefesas, os vilões, os heróis, nada mais são que heróis eternos disfarçados em roupas e ambientes modernos. As provas, os sofrimentos dos heróis míticos que partem em busca de Algo (Graal ou Jardim das Hespérides) estão latentes nas aventuras dos heróis do século XX. Avalon, Hiperbórea, Ítaca, Ilha dos Amores, fazem parte de uma

geografia mítica, profundamente conhecida por qualquer homem, em qualquer época.

As aventuras dos cavaleiros do Graal são de caráter épico, simbólico e mítico. Confirmam a qualidade guerreira do herói, mas além disso ele deve ter sabedoria e certa **misteriosa vocação**; sua espiritualidade é comprometida mas não apartada do mundo.

Obter uma espada para o cavaleiro é ser admitido à visão do Graal; as soldaduras das espadas são mitos da integração iniciática do ser. Os cavaleiros são princípios espirituais, suas montarias, a força vital por eles dominada. As inúmeras fontes que povoam os caminhos dos cavaleiros marcam o ponto onde a força da Vida brota em seu estado mais puro.

O reino do Graal é viveiro de reis dos quais pouco se conhece a origem. Esse reino não se relaciona com nenhum da história. É uma pátria que jamais pode ser invadida, a ela se pertence por um nascimento diferente do nascimento físico, por dignidade especial; ela acolhe homens dispersos no mundo, no tempo e no espaço. Esse reino tem muito do reino de Arthur, do Prestes João, da Hiperbórea e Avalon. É um reino polar, imóvel, não se afasta ou se aproxima da corrente histórica, mas é a corrente da História. Os homens e os reinos é que se transportam mais ou menos próximos desse Reino guiados pelo Símbolo e pelo Mito.

Realiza-se a figura evangélica que diz a certa altura: "Que aquele que busca não cesse de buscar até que encontre. Quando haja encontrado se sentirá comovido e se sentirá maravilhado e reinará sobre tudo. O Reino estará em seu interior e em seu exterior e quando ele fizer dos dois Um, fará o exterior como o interior, e este como o exterior e então entrará no Reino".

TERESA DE BARROS VELLOSO

Bibliografia:

René Guénon– *La terre du Soleil (Études Traditionnelles)*, Janvier 1936, pág. 36.

Mircea Eliade– *Tratado de História das Religiões*, Editora Cosmos, Lisboa - 1970.

A. Pauphilet– *La Quête del Saint Graal*, Paris, 1949.

O MILAGRE DA DIVISÃO DO PÃO.

Vendo que a multidão que o seguia padecia de fome, levou Ele a cabo a multiplicação dos pães, e todos foram saciados.

Dentro da multidão, dois homens, amigos de muitos anos e, melhor que isso, em muitas desditas, dividiram o pão que lhes fora dado.

Verificando um deles que o outro contemplava maravilhado a metade do pão assim dividido, entoou louvores àquele que multiplicara os pães, e qual não foi sua surpresa quando seu amigo disse: "Estou maravilhado, não com a multiplicação dos pães, e sim com a divisão deste. Para o divino, o milagre é o cotidiano. Para o homem, encontrar um verdadeiro amigo com quem dividir o seu pão, nisto é que está o maravilhoso."

Joseph De Maistre: do Iluminismo ao Idealismo uma trajetória Existencial e Filosófica

Palestra proferida por Cláudio De Cicco, Doutor em Filosofia do Direito pela USP, no auditório da Associação Palas Athena, em 25 de fevereiro de 1984.

II PARTE

Hesíodo, poeta grego, pouco posterior a Homero – portanto, muito tempo antes, evidentemente, do cristianismo –, dizia que na humanidade houve cinco idades. Houve uma queda da Idade de Ouro, passando pela Idade de Prata, pela Idade de Bronze, até chegar-se à Idade de Ferro, onde estamos. A consciência mais universalmente admitida é a de que caímos de uma condição em que estávamos antes.

A idéia da queda é fundamental, em todas as religiões, e Joseph De Maistre constatou que aquilo que se disse sobre isso no cristianismo também é praticamente o ensinamento dos gregos. Também ensina o Oriente, que o homem perdeu alguma coisa. Alguns dizem: "Professor, mas como a gente vai poder dizer isso, se cientificamente não se pode provar?" Mas, quem é que disse que estamos no mundo da ciência? Não estamos.

Quem descobriu melhor isso foi Teilhard de Chardin, que diz o seguinte: "Você não pode analisar com critérios cósmicos algo que aconteceu numa fase pré-cósmica". O esquema de Teilhard de Chardin – que, antes dele, foi o de Clemente de Alexandria – era mais ou menos o seguinte (assim vocês entendem um pouco o que De Maistre quer dizer): colocamos a letra "D" para representar o ser supremo, o desconhecido, Deus, aquele que não tem nome, Theos.

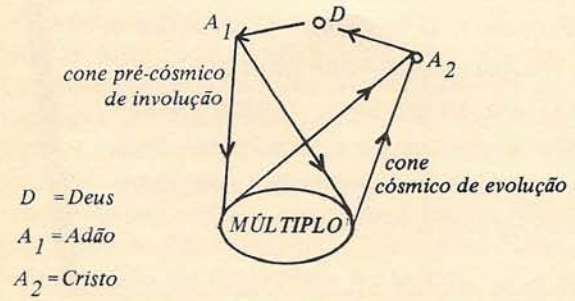


Diagrama de Alexandria

As religiões dizem que o homem veio desse Deus. Umas explicam de um modo, outras dizem de outro modo, mas, enfim, todas reconhecem que o homem saiu desse Deus. Mas o que constata a história natural? Ou a biologia, desde Darwin? O que se mostra? Que o homem aparece numa escala de evolução, a partir de outras formas inferiores e que busca alguma coisa. As religiões falam numa queda e a ciência fala numa evolução. Como conciliar um pensamento de decadência com outro de ascensão?

Só a teosofia consegue fazer isso. Por isso, Teilhard de Chardin, que era um antropólogo, para chegar ao esquema mostrado, teve que ir até a Escola de Alexandria, de Clemente de Alexandria, que já está em plena Gnose. Não se trata mais de ciência, apenas.

Então, como não cair na utopia? Sabendo perfeitamente que houve a queda, mas há também uma redenção. Houve esta queda no momento em que o homem perdeu – e cada vez perdeu mais – as características primitivas de sabedoria.

Uma das experiências mais interessantes que Joseph De Maistre fez foi a do conhecimento científico dos egípcios. Estudou a pirâmide de Queóps de todos os modos, descobrindo coisas incríveis sobre ela, que depois foram muito aproveitadas em vários livros de outros autores, que não citaram as fontes em que se basearam.

Primitivos ou Decadentes?

Diz ele: como não admitir que houve, realmente, uma Idade de Ouro, se, quanto mais volto para trás na história, encontro civilizações superiores? Se realmente o homem fosse só um descendente do macaco, ou uma mera transformação dele, como as pirâmides teriam surgido? Nós não sabemos mais construí-las. Como o processo de embalsamento teria sido feito, se hoje, com toda a nossa tecnologia, não conseguimos repeti-lo? Quanto mais recuássemos no tempo, mais encontraríamos barbárie, sempre e cada vez mais. No entanto, o que vemos? Civilizações que deixaram vestígios que indicam superioridade, às vezes até tecnológica. Parece que esses conhecimentos se perderam.

A explicação que De Maistre dá é a seguinte: quanto mais estamos próximos do homem primitivo, primordial, mais a sabedoria aumenta. É uma sabedoria transmitida oralmente, não escrita. O que aconteceu com a humanidade foi que ela foi perdendo, aos poucos, essa tradição primordial do conhecimento empírico e intuitivo das coisas. Foi obrigada a uma marcha contrária, muito mais difícil, que é o caminho do raciocínio dedutivo (que é o nosso raciocínio). Vamos deduzindo uma coisa de outra, até chegar ao foguete interplanetário.

Tudo bem, não recusaremos méritos ao que a ciência moderna está fazendo, mas temos que admitir que eram superiores aqueles que, sem o raciocínio dedutivo, sem usar tanto o laboratório, construíam coisas extraordinárias, que não sabemos mais como construir.

Porque a espécie de raciocínio era contrária, alguma coisa dele ficou nos povos que chamamos injustamente de "primitivos" – que são os índios. Eles não possuem o conhecimento racional-dedutivo, científico, mas, sim, o conhecimento intuitivo ou empírico.

Um antropólogo, meu amigo, conviveu durante muito tempo com índios aqui de Mato Grosso. Ficou realmente assustado com sua capacidade de conhecimento das plantas medicinais, através da pura memória. Cientificamente, eles não sabiam como, mas sabiam usar com habilidade incrível aquelas plantas, para obter os efeitos desejados. Desde milênios, isto vem sendo praticado. Digamos que essas são civilizações que provêm de outras civilizações, e assim por diante.

Uma tese muito cara a De Maistre é que é errada a imagem que o homem ocidental tem do selvagem, porque foi destruída pelo homem ocidental. Ele não conhecia o selvagem em sua pureza primitiva, de depositário de conhecimentos que se perderam. Mas De Maistre faz constatações incríveis, a respeito, inclusive, de índios americanos, refutando completamente a tese rousseauniana, de que a sociedade viria de um acordo de homens que, antes, não haviam vivido em estado de civilização. Ele diz que, ao contrário, o homem sempre viveu em civilização. Agora sim é que está ameaçado de seguir um caminho de anarquia e de destruição da própria civilização.

O esquema seria mais ou menos este: o homem caiu, e a cada geração a humanidade perdeu, cada vez mais, a noção de si mesma, até cair na animalidade. Portanto, para De Maistre o homem das cavernas não é um primitivo, mas o vestígio de uma civilização anterior, que perdeu completamente as noções principais para viver em sociedade, regredindo quase até a animalidade, tornando-se semelhante, por assim dizer, aos animais. Agora, o que há é uma lenta evolução rumo ao estágio que nos aproxime de Deus de novo. Se houve uma queda, há uma redenção. A evolução é a redenção. Assim como existem degradações, existem ascensões, que levam o homem a sair dessa condição, e caminhar para um rumo que vai se aperfeiçoando. Como já tivemos oportunidade de ouvir em uma conferência maravilhosa da Profa. Ilse Spath, em que dizia o seguinte: "O próprio Cristo afirmou: "Os senhores estão se admirando dos milagres que eu faço? Pois os vossos filhos farão milagres maiores".

Ninguém presta atenção a isso, de o Cristo estar apontado para o futuro, enquanto diz que, se estão abismados com os milagres que fazia, no futuro os filhos dos homens os fariam maiores do que ele os fazia. Quer dizer, o cristianismo não é uma religião de passado, mas uma religião de futuro, e quem perdeu essa noção não entendeu o cristianismo. Viu o Cristo apenas como um judeu que viveu provavelmente no ano 30 da era Cristã e foi crucificado. Não viu nada. Porque o cristianismo é a única religião que afirma uma proposta de retorno final. E isso já é, por assim dizer, uma característica própria, que as outras religiões normalmente não têm.

Os romanos ficaram entusiasmados pelo cristianismo, porque presenciaram o **heroísmo** *dos cristãos; o* **heroísmo** *é que arrebata e eles se arrebatavam ao ver crianças que não temiam aos leões e reagiam: "não, alguma coisa deve haver nisso, pois senão não teriam essa coragem". O cristianismo primitivo tinha esse lado* **heróico.**

Por quê? Porque é o resumo de todas as religiões e tem, portanto, que ser a convergência. Por ser a convergência, é a única a dizer que no futuro se projeta uma época melhor, enquanto que todas as outras religiões se baseiam no conhecimento dos antepassados. Só Cristo aponta para o retorno final. Por quê? De acordo com este esquema, é claro que os orientais têm que tender sempre para o mais antigo. Vejam a sabedoria da filosofia do Oriente: por que se volta para o mais antigo? De Maistre prova: é claro, quanto mais próximo da revelação primordial, mais correto, mais sábio.

Por isso, nas civilizações e culturas orientais, quanto mais velho e sábio, melhor. Isso não é apenas uma constatação do respeito que têm com relação aos mais velhos, não é esta a razão de nas histórias o velho ser sempre um sábio, não. Trata-se de uma questão pensada, de mostrar-se no velho uma imagem do anterior, pressupondo-se que quem é mais velho viveu antes.

Essa doutrina superior teria, então, um rumo a traçar para a humanidade e este rumo explicaria a evolução da espécie humana.

Para De Maistre, o cristianismo é, ao mesmo tempo, a síntese e a mais alta expressão das religiões. O Cristo conduz a Deus e, portanto, tudo é restabelecido, volta a ordem ao cosmos, porque Ele é exatamente o elo de ligação, por ser homem e Deus, de acordo com a doutrina cristã.

De Maistre mostra como, de acordo com certas visões acanhadas, os gregos eram politeístas, acreditando em heróis divinizados. Com sua visão sempre sintetizadora, mostra, por exemplo, que o Cristo nada mais é do que herói grego levado até as últimas conseqüências.

Ulisses – um dos heróis da mitologia grega.

O que é o herói grego? É aquele que se imola por sua terra. Ora, um herói que se imola pela humanidade é um herói mais heróico. Diz De Maistre: "Não há diferença entre a proposta da mitologia grega e da cristã". Para nosso enfoque, Prometeu parece estranho e parecem estranhos Aquiles e Hércules. Para De Maistre não há nada de estranho, é o mais facilmente compreensível: todos esses heróis eram pré-figuras do Cristo. Cada um deles tinha uma qualidade que vai depois ser vivenciada pelo Cristo.

Mas é preciso recuperar em Cristo esta imagem heróica, que desapareceu completamente, e que De Maistre via perfeitamente como uma continuação.

Por que os romanos ficavam entusiasmados pelo cristianismo? Porque presenciaram o heroísmo dos cristãos: o heroísmo é que arrebata e eles se arrebataram ao ver crianças que não temiam os leões. Os romanos, que sempre admiraram a coragem em combate, que estavam acostumados a admirar o gladiador lutando contra outro gladiador, ao ver uma criança que ia desarmada e sem medo para a morte, que a todos apavora, reagiam: "Não, alguma coisa deve haver nisso, pois senão não teriam essa coragem". Então, começaram as grandes conversões. O cristianismo primitivo tinha essa lado heróico.

A Providência na História

De Maistre chama bastante a atenção para este fato e exatamente porque está preocupado por ver uma ordem nas coisas, é que acredita na Providência. Nada existe fortuitamente, tudo tem uma providencialidade. Este é exatamente o começo da obra cujo nome traduziríamos por *Noitadas de São Petersburgo*, *Diálogos* à maneira platônica.

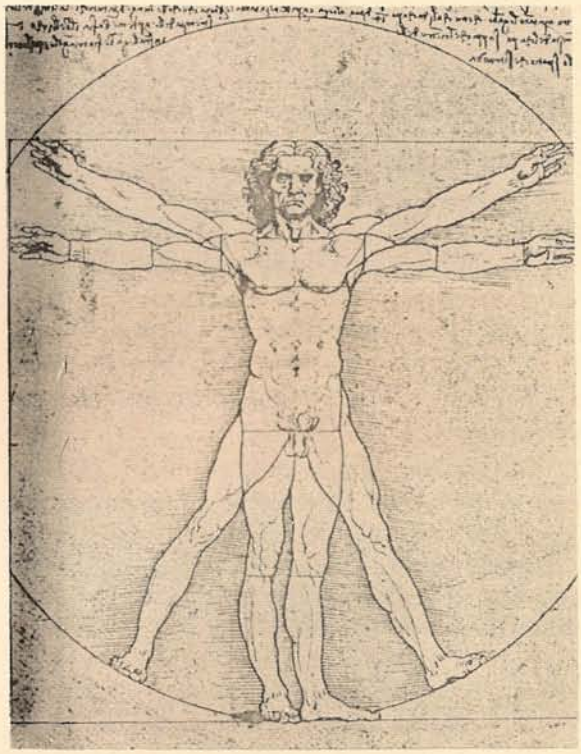
No início, três amigos estão num barco que navega próximo à cidade de São Petersburgo, no rio Neva. É o momento do entardecer, quando o sol se põe, e os raios, batendo sobre a água, dão aquele reflexo multicolorido, enquanto as aves voam para seus ninhos. Estão enlevados por aquele espetáculo da natureza e de repente um deles pergunta: "Será que um indivíduo mau, um facínora, desses que é capaz de matar friamente uma pessoa, é capaz de contemplar esse espetáculo que estamos vendo e se empolgar com isso?" A resposta: "Acho que não. Porque esses espetáculos da natureza são reservados às almas sensíveis". Diz o terceiro: "Não, acho que, exatamente, as coisas neste mundo estão de tal maneira distribuídas, que mesmo o indivíduo mais facinoroso pode gozar de um espetáculo da natureza".

Nesse momento, o barco em que eles estão chega até o porto. Atracando em São Petersburgo, continuam a conversa e um deles diz: "Bem, mas isso não me parece justo, pois os espetáculos da beleza da na-

tureza deveriam ser reservados apenas aos bons; os maus deveriam ser deles privados". E o Conde, que não é outro, senão o próprio De Maistre, mas que não se identifica no decorrer de todos os diálogos (vejam a semelhança com os *Diálogos* de Platão), diz: "Mas, realmente, não é pelo fato de um assassino ser privado da beleza da natureza, que se faria justiça ao homem". Porém, um outro, um militar, oficial francês que está visitando a Rússia, responde: "Não, essa resposta não me satisfaz; já estou cansado de ouvir dizer que neste mundo os bons sofrem, para serem felizes no outro, e que os maus gozam deste mundo para serem infelizes depois. Esse tipo de conversa a mim não agrada. Gostaria que o bom continuasse bom e sempre bom, feliz, neste mundo e no outro".

Aí começa uma discussão que vai ocupar todas as páginas deste livro, tratando dos mais variados assuntos. O Conde responde: "Vou provar a você, caro amigo oficial, que a soma da felicidade de uma pessoa que pratica a virtude é maior do que a soma de felicidade de uma pessoa que vive no vício, sob todos os pontos de vista. Mas, isso, de maneira geral, não de maneira específica". Então, responde o oficial: "Mas isso não me parece justo. A pessoa teria que ter certeza de que vai ser premiada já, neste mundo". E o Conde diz: "Não, aí está a sabedoria da Providência: se alguém fizesse algo apenas porque vai ser recompensado nesta vida, o ato moral não teria valor algum, e o ato moral vale porque não tem, exatamente, a esperança da recompensa. E, depois, o que quereria o senhor? Milagres contínuos? Estamos nós três aqui (porque já haviam chegado à casa e tomavam chá num terraço que dá para o rio de onde vieram), tomando chá. Os senhores quereriam, por acaso, que, se houvesse um terromoto que destruísse todas as casas aqui, só a nossa ficasse em pé, com três anjos ou quatro segurando os pilares? Não, nós cairemos também. Porque nós, enquanto seres humanos, estamos subordinados à mesma lei e, quando há um terremoto, a força da gravidade, atraindo os corpos para o centro, faz com que as pessoas caiam: os santos, os pecadores, os assassinos e nós também".

Então o oficial diz: "Não, acontece o seguinte: o senhor está falando em milagre, eu estou falando na ordem natural". "Mas, é exatamente por causa da ordem natural" – respondeu o Conde, "que elas não podem ser destruídas, como salvaguarda da virtude, porque então ela deixaria de ser virtude. Nós não podemos viver no mundo do milagre, temos que viver no mundo da natureza. E no mundo da natureza, bens e males são distribuídos às pessoas de maneira mais ou menos indiscriminada. Tanto morre o indivíduo que vai correndo para salvar o outro, se seu cavalo cair no despenhadeiro, como aquele que vai indo praticar um crime; se o seu cavalo escorregar no despenhadeiro ele pode morrer da mesma maneira que o outro. Porque há leis naturais da queda dos corpos, que Deus não vai suspender para que aquele cavalo não caia, pelo fato de estar aí com uma finalidade boa, ou senão o mundo não seria este, mas o mundo do milagre". Embora nós todos não saibamos quem de nós vai ter mais felicidade e possa acontecer que um homem bom sofra e um mau seja feliz. "No entanto", diz ele, "a maior soma de bens é prometida para quem pratica a virtude e a maior soma de males, a quem pratica o mal". Começa a mostrar que existem relações entre o mundo visível e o invisível, em matéria de doenças, por exemplo.



Depois que já destruiu o argumento – De Maistre é assim mesmo – ele começa o raciocínio pelo lado contrário: "Veja, por exemplo, as doenças causadas somente por uma coisa, pela gula, que é um pecado, um vício. Só ela, quantos males físicos não causa? Ou o alcoolismo, que é também um vício? O senhor há de convir, somando todas as doenças provenientes dos excessos da mesa, da bebida, da comida, que quem for sóbrio não padecerá uma série de enfermidades – principalmente depois de uma certa idade – pelas quais aqueles que abusaram, queiram ou não, vão passar. E os seus filhos irão sofrer, porque das realizações biológicas ninguém escapa, e Deus não vai fazer um milagre".

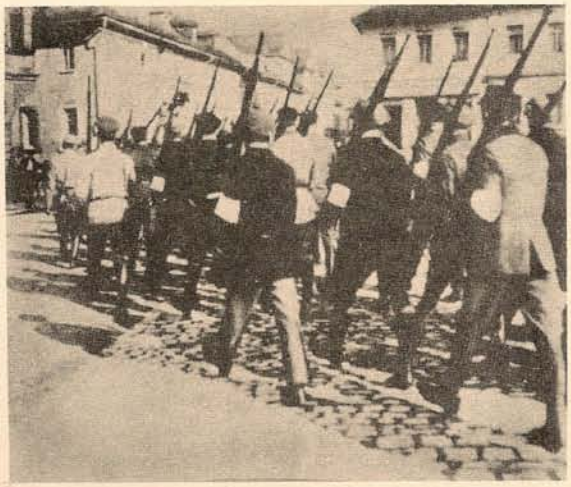
Aí o assunto muda, porque aquele oficial, que parece bastante insistente, diz: "Mas, e as guerras? Se existisse uma providência que governasse o mundo e se o mundo visível fosse apenas o reflexo do invisível, não deveriam existir guerras, porque as guerras são más. Ora, se Deus é bom, como é que Ele permite o mal? Este é um dos problemas mais sérios da filosofia. Não deveria permitir". Joseph De Maistre responde: "Ou Deus dava liberdade ao homem, ou não dava. Se fosse para transformá-lo num animal como qualquer outro, controlado por instintos, realmente acabariam todas as guerras, e tudo o que o homem faz de mau. Mas, também acabaria tudo o que o homem faz de bom. Nós seríamos animais: não teríamos mais guerras, mas também não teríamos mais obras de arte, nem mais nada do que o homem faz de bom. O problema da liberdade é um problema sério. Deus fez o homem livre, ele não é um ser determinado. O homem pode escolher".

O terceiro, que até agora estava em silêncio, diz: "Permita-me que diga uma coisa: estou começando a concordar que existe um controle no mundo. Concordo que ele não pode ser uma sucessão de milagres, mas também concordo com o oficial, porque, quando, por exemplo, se fala de uma guerra, fica difícil pretender apenas raciocinar-se em termos de liberdade, já que em seu conjunto muitas pessoas inocentes são vitimadas. Pelo menos elas deveriam escapar da guerra".

O Conde responde dizendo: "Não, não, por quê? A guerra é um fenômeno humano, que não ocorre sempre nem continuamente. Ocorre em determinadas épocas da humanidade e há uma filosofia por trás dela. Normalmente, ocorre nos povos em decadência". Cita então a história antiga e vê-se que todos os povos, na sua fase áurea, vivem em paz; quando começam a entrar em decadência, principiam a guerrear com os outros; isto é fácil de provar, psicologicamente. "A guerra, portanto, é uma conseqüência da escolha do homem". "Mas", dizem, "então Deus deveria impedir, fazendo com que alguma coisa acontecesse, para que os homens escapassem deste caminho". E o Conde: "Mas, é exatamente a guerra, este caminho. Quando todos os outros falharam, a guerra resolve". Para De Maistre, a guerra é um fenômeno que não se explicaria a não ser pela interferência direta de algo invisível que não conseguimos determinar.

Como é que o ser humano normal entra numa guerra, luta, derrama o sangue de um outro que nunca viu, recebe balas de outra pessoa que também nunca vira, mas que atira nele? E, se não atirar primeiro, quem recebe o tiro é ele?!

Voltando para a sua casa, volta a ser a pessoa normal que se indigna quando vê uma luta na rua. Por que, quando estava no campo de batalha, como que se esqueceu disso? É o mistério da guerra. Ela acontece como remédio último, dizia De Maistre, para os povos que estão em decadência vertiginosa. Ou se recuperam depois da guerra, ou nunca mais se recuperarão, tornando-se escravos.



A Teoria sobre a Guerra

Realmente, a guerra é uma coisa horrível. Tão espetacularmente horrível, que De Maistre, que viu todas as guerras napoleônicas – e não podemos dizer que se felicitava por isso, pois foi uma vítima de Napoleão – via algo de superior nela. Diz: "Quando eu vejo o espetáculo de carnificina duma guerra, que é uma coisa tão horrível quanto o terremoto, vejo que ela não depende somente da vontade do homem. Não são só os homens, há qualquer coisa de misterioso na guerra, que faz com que de repente uma civilização caminhe para a morte certa sem pestanejar".

Esta teoria sobre a guerra foi muito discutida, mas não foi refutada. Por que as guerras ocorrem, que mistério há, que as pessoas parecem comprar uma briga que não é delas? Afinal de contas, as guerras sucedem, normalmente, por questões políticas, econômicas, de cúpulas, de grupos. Como é que a pessoa vai com aquele ardor para a guerra?

É esta a lição da Roma antiga, quando Catão dizia: "Ainda bem que os cartagineses se levantaram contra Roma, quem sabe, assim, a nossa juventude escapa da total corrupção".

É um pensamento que nos deve levar a pensar. Porque nem sempre os efeitos de uma guerra são piores do que a paz. Não sei o que é pior para o ser humano nesse processo de evolução, se a morte ou a decomposição em vida, como se fossem pessoas que já morreram e não foram avisadas ainda.

A gente deve sempre lutar pela paz, mas sabemos que há momentos em que a paz, sendo sinônimo de corrupção, uma força misteriosa intervém na História e acontecem guerras terríveis, que ninguém esperava. Em que os inocentes pagam pelos pecadores, porque essa é a lei. Não acontecerão milagres para que só caiam bombas nas casas dos indivíduos que vendiam drogas. Infelizmente, cai bomba na casa de todo mundo.

Mas, o fenômeno da guerra não teria uma explicação lógica; por que os homens guerreiam, quando uma negociação poderia resolver tudo? Esta teoria de De Maistre sobre a guerra é uma de suas teorias mais curiosas.

Creio que, por essas colocações, os senhores perceberam tratar-se de um autor que se coloca com um pensamento profundamente original, quebrando, de algum modo, uma série de preconceitos, que temos em nossa cabeça.

É um autor estimulante. Acredito que até quem nunca ouvira falar no pensamento dele, mesmo que não concorde, terá que refletir, e isso é ótimo. Vim aqui, mais para provocar a meditação sobre estes temas, não para convencê-los a aderirem ao pensamento de Joseph De Maistre. Não para considerar-se que ele é o dono da verdade – ninguém é dono da verdade.

Mas quis salientar, no seu pensamento, aquilo que é mais sugestivo, por quebrar uma série de tabus que temos em nossa cabeça. Porque estamos num mundo ocidental, temos uma dificuldade tremenda em entender outras culturas. Quem sabe, um pensador como este facilitará nossa compreensão. Pois ele nos questiona em coisas profundas.

O problema da guerra é o da moralidade de quem a provoca. Portanto, ele conclui, dizendo: "A guerra é péssima nas suas causas, mas pode até ser ótima nos seus misteriosos efeitos".

Não se está querendo dizer que não tem responsabilidade quem deflagra uma guerra e que ela é boa em si, não é isso. Do ponto de vista moral, ela é condenável e nós temos que lutar pela paz. Mas o ser superior, que tudo governa, sabe perfeitamente quando as pessoas ainda podem ouvir a voz que os convida à paz. Pois, há certas pessoas que chegaram a um tal fechamento de alma e de espírito, que não escutam mais, absolutamente, nenhum apelo, porque criaram em torno de si uma carapaça invulnerável. Pode-se ressuscitar um morto à frente delas, que dirão não acreditar em nada; porque não interessa mais acreditar em nada.

Então, quando muitas pessoas estão nessa situação, constrói-se um país inteiro criado dentro do mais crasso materialismo e em que tudo vale. E, valendo tudo, vêm imoralidade, drogas, dominação absurda, regime de semi-escravidão. O homem sofre tremendamente, porque os valores éticos estão sendo destruídos, e isso precisa ser corrigido.

Gostaria que ficasse como provocação essa afirmação de De Maistre, numa época em que, sinceramente, confunde-se muito Gandhi com o pacifismo. Confunde-se muito a paz com a paz dos cemitérios, e muito o desejo de concórdia com desejo de continuação dos erros que aqui estão. Para que nada mude, para que tudo fique como está. Isto não é a paz verdadeira, pode ser o começo de uma guerra ainda pior.

A grande mensagem de De Maistre para o século XIX, para o século XX, está, indubitavelmente, acima de qualquer colocação política ou jurídica que tenha efetuado em seus livros, que acabam sendo um reflexo disso.

Ele é um homem que defende, por exemplo, a pena de morte. Está dentro da lógica de seu pensamento: ela é uma conseqüência normal da situação a que chegaram determinadas pessoas, dentro da sociedade.

"O amor ao pai e à mãe é uma coisa inata no ser humano; quem o perde é um monstro. Não é mais um homem, é um animal. Portanto, se é uma ameaça para a sociedade, ele não deve ser sustentado pelos nossos impostos."

De Maistre e a Pena de Morte

Aqui no Brasil, estamos numa situação em que muita gente, que antes era flagrantemente contra, hoje já duvida, por causa do aumento incrível e indiscriminado da criminalidade e da brutalidade, principalmente. Não é tanto a criminalidade que nos irrita, como a brutalidade.

Eu ainda vacilo um pouco, há algo dentro de mim que recusa, porque tenho medo do erro judiciário. Portanto, não concordo com De Maistre, quando se coloca a favor da pena de morte.

Mas ele é lógico; de repente, há uma discussão sobre esse assunto, nesse livro, a respeito de dever ou não haver pena de morte. Alguém diz: "E o erro judiciário?" Responde ele: "Perfeitamente, então, abram todas as prisões, porque, então, devem acabar todos os tribunais. Porque se o erro judiciário existe para a pena de morte, também existe para a prisão perpétua. Portanto, libertem todos que estão na prisão

perpétua. Também pode haver erro para as penas muito grandes, então, deveriam ser abolidos todos os tribunais, porque, se nós vamos pensar no erro, então, pode haver erro."

A discussão é essa e ele conduz à legitimidade certos casos de pena de morte. Foi um homem que colocou certas coisas que talvez nem tenham sido entendidas em sua época e que hoje, com a complexidade de nossa sociedade, começam a ser retomadas.

A sociedade tem o direito de eliminar um indivíduo que invade a sua casa, estupra sua filha? Ele não leva só dinheiro. Por que precisa estuprar, humilhar, torturar? Porque está com fome. Mas, fome não leva ninguém a torturar os outros, que se leve o dinheiro. Se tortura, é porque há algo de profundamente mau nesse indivíduo. Então, ocorre a defesa da pena de morte.

De Maistre diz: "Há certos indivíduos que renunciaram à humanidade pelos seus atos e se tornaram piores que as feras". Fala, por exemplo: "Alguém que mata sua mãe, deve morrer; porque, que se pode esperar de alguém que matou aquela que lhe deu a vida?" E vemos a todo o momento no jornal: "Espancou a mãe com um cabo de vassoura até a morte". Outro dia, vi uma notícia assim, em que alguém matou o pai a marteladas. O que se fará com um indivíduo desses?

Você dirá que é problema social. Que problema social! O amor ao pai e à mãe é uma coisa inata no ser humano: quem o perde é um monstro. Não é mais um homem, é um animal. Portanto, se é uma ameaça para a sociedade, ele não deve ser sustentado pelos nossos impostos.

Hoje, as doutrinas da pena de morte estão ganhando força. Por quê? Pela evidência de que o medo do erro judiciário levou a um incrível alastramento da criminalidade no mundo ocidental.

Em quase todos os países existe o problema do crime cruel, que não é o crime de alguém que atira no outro, mas de quem tortura o outro. Portanto, para o torturador, a morte.

Para Joseph De Maistre, o indivíduo que se reduziu à animalidade merece o tratamento que daríamos a um animal. Por que razão? Porque ele mesmo, voluntariamente, renunciou à dignidade humana, através dos atos que praticou e é, por assim dizer, irrecuperável. Esta é, a respeito, a visão de Joseph de Maistre.

Os senhores terão de perdoar, eu sinto por De Maistre a solidariedade que se sente por um injustiçado. É por isso que falo muito sobre ele em tudo que escrevo: nas minhas duas teses, tanto em mestrado como de doutorado, tive que ler De Maistre e colocar alguma coisa dele. No meu livro de História, ele entra, em vários momentos, com seus comentários. E na tese de livre docência que estou fazendo agora, entrou novamente.

Pretendo livrar do olvido, do esquecimento, alguém que representa uma parte do nosso ser humano que está obliterada. Creio que De Maistre é exatamente isso, aquele que vem e diz o que todos nós, no fundo, pensamos, mas não temos coragem de colocar.

Resumo Final

De Maistre tem a coragem de denunciar que a democracia pode envolver uma falácia. Tem a coragem de dizer o que nós todos sabemos, no fundo: que a guerra é conseqüência de desordem moral. Temos dificuldade para aceitar isso, mas está no fundo da nossa cabeça. Sabemos perfeitamente que uma sociedade que só pensa na matéria, no gozo, no prazer, está sendo preparada para a guerra, primeiro, civil, depois, com os outros países.

Ele tinha a coragem de dizer isso que os outros não dizem. Os outros falam na paz, mas não dão condições para ela. Ele denuncia que não é possível a paz assim. E isso está no fundo da nossa cabeça. Assim dizia Dostoiewski, que gostava muito de ler De Maistre. Dizia que Joseph De Maistre é aquele que "diz tudo aquilo que nós pensamos, no fundo da mente".

Baudelaire dizia: "ele é o lado escuro da nossa mente". Quer dizer, nossa mente tem um lado iluminado (paz, democracia, progresso, ocidente, cristianismo). Do outro lado escuro: cuidado! nós não somos cristãos coisa nenhuma, olha que o Ocidente está decaindo. É o lado escuro que não gostamos de iluminar. É um homem que coloca o dedo na chaga.

De Maistre é um homem que não tem medo de dizer as coisas. Por isso não foi célebre como Rousseau, para quem se fizeram estátuas, pois não foi colocado no Panteon.

Ele repousa numa igrejinha em Chambéry; ele não está no Panteon dos grandes... porque foi Imenso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. Émile Dermenghem – *Joseph De Maistre Mystique*. Editora d'Aujourd'hui, re-edição 1979.
2. Guido Fasso – *Storia della Filosofia del Diritto*. Il Mulino, Milão, 1970.
3. Do autor deste artigo: CLAUDIO DE CICCO – "O Adversário de Leviatã" in *Hora Presente* nº 10; "As soirées de Saint-Pétersbourg" in *Hora Presente* nº 12 e "Joseph De Maistre e a Tradição Gnóstica" in *Hora Presente* nº 15, São Paulo, 1973.

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

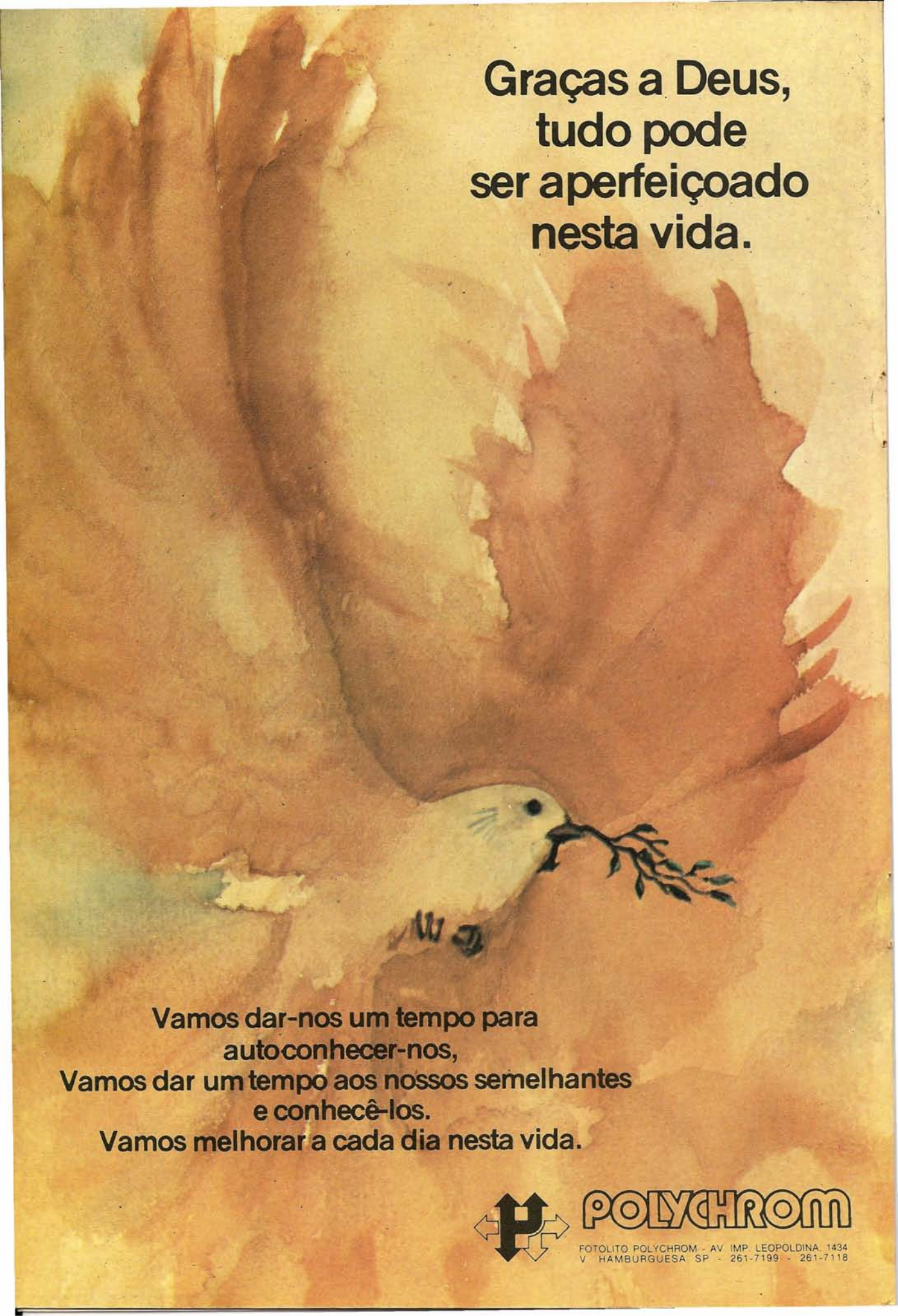
ÉTICA: *aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de* Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio *e* Dhammapada*); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russel; a ética cristã.*

FILOSOFIA DA HISTÓRIA: *introdução ao caráter geral da História; fundamentos teoréticos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.*

SÓCIO-POLÍTICA: *análise comparativa de indivíduo, sociedade e estado, na visão clássica e moderna; a moral como fundamento do direito social e do dever político; estado liberal e estado dirigido.*

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES

INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO — SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.


Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.
Vamos dar-nos um tempo para
autoconhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.
POLYCHROM
FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA, 1434
V. HAMBURGUESA SP - 261-7199 - 261-7118